

## O Desmascarar da mitologia ZEITGEIST

Copyright 2008: R. Christopher. All Rights Reserved. <http://www.zeitgeistresponse.info/>

Tradução de Luis Macedo

### PRELÚDIO

O filme Zeitgeist é a mais profunda peça de propaganda anti Deus, anti Cristo e anti governo Americano que eu tenha testemunhado até agora. Considero o Zeitgeist difícil de contrariar sem um tremendo montante de tempo, estudo, sacrifício e fé. Como um dos meus filhos manifestou numa carta, o Zeitgeist desafia toda a singular noção que nós guardamos como verdadeira e querida. Neste sentido, eu aviso previamente todo o denominado Cristão. Quanto ao resto, não desesperem. A análise infra confronta o Zeitgeist.

Qualquer um pode aceder ao filme Zeitgeist clicando simplesmente em <http://www.zeitgeistmovie.com/>. Uma vez lá, por favor imprimam o argumento e a bibliografia do vídeo. Isto será necessário de forma a compreender e avaliar as minhas conclusões. Com o mais sério dos avisos, eu recomendo que vejam o filme antes de prosseguir. O filme está dividido em três partes. Só irei tratar da primeira parte, que lida com a retórica anti Deus/Cristo. Só espero que os autores não alterem o seu argumento (sem mudarem o filme) depois destas reacções terem sido postadas. Se isto se tornar um problema, por favor peçam ao Zeitgeist que vos mande uma cópia do argumento e bibliografia à data de 01 de Dezembro de 2007.

### UMA CARTA AO MEU FILHO

Querido Ron: De preocupação iminente temos o Zeitgeist, Parte 1. Dado que teorias da conspiração governamentais existem à fartazana, o resto do filme torna-se só ligeiramente interessante. O argumento e a bibliografia do vídeo serão usados para investigar a Parte 1 (Ver Fonte A). É neste segmento inicial que existe uma miríade de pontos a que se pode responder. Um estudo pormenorizado do conteúdo do Zeitgeist requeria meses senão anos para completar. Uma vez que é muito dispendioso comprar e examinar toda e cada referência bibliográfica do Zeitgeist, somente algumas fontes seleccionadas foram adquiridas e analisadas. Será igualmente óbvio que também eu não te poderei enviar a minha biblioteca. Assim, o mais próximo do óptimo foi conseguido: foi acrescentado Material de Fontes de modo a te direccionar para a informação on-line de suporte. Faço isto de modo a que possas aceder a informação de fundo gratuitamente. Por favor, permanece esclarecido que o Material das Fontes ecoa percepções semelhantes às expressas nos livros da minha biblioteca. Como te podes recordar, a minha biblioteca cobre ambos os lados da maioria de todos os debates religiosos. Deste modo, as referências são o mais imparciais possível. Em complemento, e propositadamente, a maioria da informação de suporte é preferencialmente de natureza laica do que religiosa. Isto significará muito no nosso empreendimento de exploração das reivindicações do Zeitgeist.

Antes de começar, é importante notar que o Zeitgeist usa a mesma forma de divulgação enviesada dos media, que eles tão prontamente denunciam quer dentro do filme quer no universo público em geral. Por outras palavras, eles são culpados do mesmo que eles atribuem exclusivamente aos outros – a distorção e o marketing de ideias utilizando a caneta, ecrã ou “YouTube”, como eles tão rapidamente adoptam. Eles fazem isso sabendo que a maioria do povo não pode ou não vai estudar perspectivas opostas. Não têm tempo nem dinheiro. O

conhecimento deste facto por parte do Zeitgeist está sempre presente por todo o filme. Mas neste ponto eles estão certos. Nós somos de facto uma sociedade, ao que parece, forçada a obter a nossa informação ao estilo “fast food”.

É também importante apercebermo-nos de que todos os pensamentos ou ideias são meras suposições. Até a própria Ciência se empenha em provar as suas teorias ou hipóteses, não o contrário. Isto é verificável quando nós olhamos para o procedimento relacionado com o Método Científico. Mais, quando falamos de razão, trata-se tão somente de razão humana com todas as suas fragilidades. Quando falamos de lógica, um pressuposto insensato só resulta numa conclusão insensata. Portanto, razão ou lógica nem sempre providenciam uma explicação “razoável” ou “lógica”. Nem sempre representam consistentemente a verdade absoluta ou a realidade como pensamos que a conhecemos. Quando falamos em matemática e seres humanos, as suas fronteiras nem são perfeitas nem ilimitadas. Daí que nos encontremos envolvidos num mar de fé construído sobre as definições e concepções humanas, por onde quer que nos viremos. Mesmo quando nós olhamos para o registo histórico, nós encontramos-nos à mercê do que os outros escrevem. “E se” alguém quisesse mudar o presente alterando o passado? Regresso ao Futuro, perguntam? Talvez. E esta tese pode ser aplicada equilateralmente.

Então é neste emaranhado de motivo, registo e ideias que nós nos encontramos. Se formos arrojados e procurarmos a verdade, independentemente de a podermos conhecer, nós podemos perguntar: “Qual é a motivação do Zeitgeist?”, “Quão precisas são as suas asserções dado o registo histórico ou outro?” e “São as conclusões apresentadas representativas da maior parte do pensamento escolástico?”

## **MOTIVO**

Quando o motivo está oculto, é deixado à imaginação daqueles para os quais o motivo e intenção são dirigidos. Tal é o caso com o Zeitgeist. Mas as pistas, as evidências forenses, estão incluídas. O filme está repleto do mesmo.

A definição do Zeitgeist é “Espírito Temporal” ou “Vento Cultural Prevalente” (Fonte B). No vídeo Zeitgeist, o autor emprega uma visão pós-moderna do Feiticeiro de Oz no papel do já mítico “Homem por detrás da cortina” que é responsável por tudo de mal no cosmos, e em particular na América. Mas esta interpretação é baseada em conjecturas, não necessariamente factos. No enredo original de Frank Baum, 1899, O Feiticeiro de Oz tinha pouco ou nada a ver com esse todo poderoso arquitecto-mestre. Enquanto se torna evidente que as metáforas de associação podem ser aceites, o facto permanece: os autores de Zeitgeist apenas desejam substituir a interpretação de Baum do original Feiticeiro de Oz pela sua própria versão do mesmo. É neste ponto que nós devemos perguntar “Que homem, qual homem, está por trás da cortina... desta vez?” Qual é a motivação deste novo feiticeiro? Zeitgeist torna bastante claro que a finalidade do filme é rasgar o tecido da actual convenção social, política, cultural e religiosa – tudo sem a apresentação de uma alternativa por parte do mesmo. Lá diz o ditado que “é sempre mais fácil ser crítico de algo do que apresentar uma solução”. Então, porque devemos estar surpreendidos com o rugido do Zeitgeist? Não devemos. Nem devemos temer.

Novamente, se me for permitido, a intenção do Zeitgeist é uma de provocação: os autores parecem resolutos na demolição e reestruturação da norma. Eles estão ocupados com a implosão a actual estrutura socio-religioso-económica e estão a começar a nova. Somente o entulho da primeira necessita ser descartado, pelo menos nas suas mentes. Mas a nova

construção irá residir no mesmo terreno que o mundo de hoje, dentro dos corações ou alma das suas pessoas. A pegada foi inicialmente decalcada no Jardim do Éden. A pedra angular foi lançada durante o Renascimento e o Iluminismo. As paredes foram erigidas em 1859 com A Origem das Espécies, de Darwin. O telhado foi colocado em 1933 quando o Manifesto Humanista foi escrito. Este manifesto decreta os desejos de uns poucos, a elite – a assim chamada comunidade intelectual – o auto eleito corpo do divino. Fala de um mundo sem Deus, sem religião, sem o metafísico – um mundo dirigido a todos, mas somente por uns poucos. E os seus aderentes são bem mais do que somente um punhado de nomeados ao Nobel. Para serem tão ilustres (por favor note-se que não falei em “inteligentes”) eles são tão arrogantes e ignorantes nos seus discursos distorcidos. Enquanto eles negam e criticam as restrições do mundo actual, eles simplesmente procuram substituí-las pelas deles. Poderá ser perguntado: “Quem por eles foi eleito salvador? Quem é este novo messias, este “Homem detrás da cortina”?” Na opinião deste autor, é o humanista laico. Tudo o que uma pessoa precisa de fazer para dar crédito a esta visão é ler os Manifestos Humanistas I, II e III (Fonte C).

Concluindo este segmento introdutório ao filme, é importante referir que a maioria das referências bibliográficas do Zeitgeist não são confirmações de factos, nem nada que se pareça. Isto não se reflecte negativamente nas fontes mas sim no Zeitgeist, na medida em que o conteúdo referenciado contém pouco mais do que “pontos de vista”. Por outras palavras, elas provam muito pouco, se alguma coisa de todo. As referências bibliográficas do Zeitgeist são meras reflexões de opinião manifestada, não factos. E só conjectura, não tem força substantiva.

## **QUÃO PRECISAS SÃO AS ASSERÇÕES DO ZEITGEIST, DADO O REGISTO – HISTÓRICO OU OUTRO?**

### **Discurso Introdutório do filme**

Página inicial do Zeitgeist / Imagem de Fundo / Cena da Natividade, partes reforçadas (repetições).

**A Minha Resposta:** O reforçar prepara o público para áreas que o Zeitgeist irá atacar em breve.

**Citação Inicial do Zeitgeist:** “Eles [Cristãos] devem achar isso difícil... aqueles que tomaram a autoridade como verdade, em vez da verdade como autoridade.”

**A Minha Resposta:** O que torna o Zeitgeist a autoridade sobre toda a verdade? Eles próprios? Apenas um grupo vulgar de seres humanos que pensa ser Deus? Novamente, estas pessoas somente desejam alterar a estrutura actual pela sua própria. As perspectivas do Zeitgeist não são certamente as perspectivas da escolástica durante os últimos dois milénios. Esta frase responde a uma das questões mais fortes com que nós começámos: “São as conclusões [do Zeitgeist] apresentadas [aqui] representativas da maioria do pensamento escolástico?” A resposta é um não redondo.

**Meios Utilizados pelo Zeitgeist:** Som, música, múltiplas imagens de guerra, terror e derramamento de sangue – particularmente utilizando crianças.

**A Minha Resposta:** Usa sensacionalismo (uma falácia lógica) para preparar a audiência para a

retórica anti Deus/governo. Este segmento incita à revolta contra as convenções e costumes actuais.

#### **Vistas Belas da Terra e do Cosmos:**

**A Minha Resposta:** Comum ao movimento do Green Peace (um dos patrocinadores do filme) e ao movimento ambiental como um todo – como se a simples mudança sistemática o pudesse preservar.

#### **Oceanos, Reprodução Celular e Espécies em Evolução:**

**A Minha resposta:** Promove a Teoria da Evolução, presumida e promovida como tendo primazia sobre a Criação. O Zeitgeist pressupõe que esta “Teoria” se tornou um “Facto”.

#### **Imagem da Bíblia Sagrada com a Bandeira Dobrada:**

**A Minha resposta:** Esta é uma tentativa de doutrinação por parte do Zeitgeist, de forma a ligar o temor natural da morte exclusivamente a crenças judeo-cristãs (religiosas) e patriotismo.

#### **11 de Setembro, Guerras Mundiais, Soldado a chorar enquanto faz continência à bandeira Norte-Americana:**

**A Minha resposta:** Novamente, o Zeitgeist continua no seu esforço de lavagem cerebral a associar guerra e o natural medo de morrer à fé Judeo-Cristã (religiosa) e patriotismo.

#### **A Utilização, por parte do Zeitgeist, do Comediante George Carlin: utilizado como um intróito para degradar a religião e Deus**

**A Minha resposta:** A tática de usar um comediante para reforçar as petições daqueles supostos escolásticos envolvidos no debate sério é tão básica como ineficaz. “Apelar às Massas ou Sentidos” ou vergar-se ao “Humor e Ridicularização” no decurso da argumentação é entrar numa falácia lógica, uma vez mais.

#### **Asserções do Zeitgeist, O filme, Parte 1**

Por favor, notar que o argumento do filme não está apresentado *ipsis verbis*. Palavras, termos, frases são acrescentados ou omitidos quando comparados com o filme. É também verdade que segmentos de discursos não estão contidos no argumento. Por favor, cruzar a Fonte A (argumento do Zeitgeist) referenciada com as notações dos parágrafos e frases *infra*. Só me vou dirigir aos pontos principais de preocupação. Para os tópicos aos quais não me dirijo, ou concordo com o Zeitgeist ou lhes sou indiferente.

Observação: A notação dos parágrafos e frases do Zeitgeist serão definidas como “P” (Paragraph) “S” (Sentence) ou “Part”.

**P** = Parágrafo nº X dentro do argumento do Zeitgeist

**S** = Frase nº Y dentro do parágrafo

**Part** = um nº de frases ou reivindicações dentro do parágrafo

Tudo o que tiver a dizer sobre as reivindicações do Zeitgeist será apresentado como “A Minha Resposta”. Reporto-me à Fonte A, o argumento e bibliografia do filme, quando em escrutínio.

**P1, S5: “Estas realidades tornaram o sol o objecto mais adorado de todos”.**

**A Minha Resposta:** Só existe uma referência no texto do vídeo listada na bibliografia do Zeitgeist para esta frase e não tem nada a ver com a substanciação da reivindicação de que o sol é “o objecto mais adorado de todos”. Quando uma conclusão não é de modo nenhum verificável, isso é argumentar com base na falácia lógica de “Reivindicação Irrelevante”.

**P1, S7-8: “O estudo das estrelas permitiu-lhes reconhecer e antecipar eventos que ocorreram ao longo de largos períodos de tempo, como os eclipses e as luas cheias. Eles por sua vez catalogaram grupos celestiais naquilo que nós hoje conhecemos como constelações.”**

**A Minha Resposta:** Porque P1, S7-8 está localizado no mesmo parágrafo de P1, S1, a implicação contextual é a de que as constelações eram conhecidas há uns dez mil anos atrás.

Embora não haja dúvida que o homem desde cedo tenha começado a correlacionar certos padrões siderais com sazonalidades e, mais tarde, meses, não existe evidência arqueológica até aproximadamente 1300 AC que sustente a afirmação do Zeitgeist. Obviamente, isto fica aquém dos “dez mil anos atrás”. (Fonte D).

**P2, S1: “Esta é a cruz do zodíaco, uma das imagens conceptuais mais antigas em história”**

**A Minha Resposta:** A “cruz” do Zeitgeist é também conhecida como “Cruz”, ou mais recentemente, à medida que foi emergindo da sua precessão do séc. XVI (DC), como a constelação “Cruzeiro do Sul”. Ela foi na altura usada como ponto de referência astral na orientação dos primeiros exploradores Europeus para Sul. A Cruz é difícil, senão impossível, de ver da latitude de vinte cinco graus norte. Dado que a Cruz não foi identificada como constelação até uns 1500 anos depois da morte de Cristo, é difícil entender como a constelação se tornou parte do Zodíaco pré-Cristão. O primeiro registo arqueológico conhecido do Zodíaco aparece no séc. V AC, mas novamente, esta constelação em particular não foi conhecida ou identificada até ao séc. XVI (DC). Isto, apenas por dedução, dificilmente a torna n’ “uma das imagens conceptuais mais antigas da história” (Ver também P15, S8 e 10 infra e Fontes E e Q).

**P3, S2: “O sol, com as suas qualidades geradoras de vida e de salvação foi personificado como a representação do criador ou deus invisível... “O Sol de Deus [implícito: Filho de Deus (Sun/Son)], a luz do mundo [implícito: Jesus], o salvador do ser humano [implícito: o Messias]”.**

**A Minha Resposta:** O Zeitgeist apresenta apenas uma única referência que assuma a interpretação platónica e socrática do sol e deus (cf. The Book of the Sun (De Sole), Marsilio Ficino, capítulo XIII, ano de 1494). E esta referência em particular não reitera as noções incorporadas no Zeitgeist. Então, não existe prova bibliográfica que substancie a reivindicação do Zeitgeist.

**Nota:** Por uma questão de tempo e custo, só vou dirigir-me a um deus, Hórus, em detalhe. O raciocínio por trás disto é duplo. Primeiro, o mundo académico aponta para o continente Africano como sendo o lugar de origem do homem. Nesta perspectiva, nenhum outro sistema de crenças religiosas poderia ser tão antigo. Segundo, Zeitgeist usa a província Norte Africana

do Egito bem como os seus hieróglifos para delinear um paralelo ao Cristianismo. Desta forma, dirigir-me à falsa divindade de Hórus, como o filme sugere, é dirigir-me ao resto.

**P4, S3: "Ele [Hórus] é o sol, antropomorfizado, e a sua vida uma série de mitos alegóricos envolvendo a movimentação do sol no céu".**

**A Minha Resposta:** A mitologia Egípcia primitiva regista que Hórus era um deus-sol, não o sol. De facto, somente o olho direito de Hórus simbolizava o sol enquanto o seu olho esquerdo tipificava a lua. Também pode ser postulado que o nome de Hórus não representava o movimento do sol pelo céu mas antes era um nome que reflectia a natureza de Hórus. Os nomes e analogias supostamente envolvendo Hórus são tão numerosas como as constelações do Zodíaco na precessão. Resumindo, os nomes e características do deus-sol Hórus podem ser vistos a mudar pela procissão de sociedades pagãs ou líderes que se seguiram de cada vez que um relato de precessão é de ser considerado falso ou contraditório. Em períodos prolongados, o deus-sol Hórus é embelezado por uma abundância de designações – cada uma representando várias características. Tais designações incluem: Hórus, Harmerty, Har-Si-Ese, Heru, Heru-ur, Heru-khuti, Harsiesis, Har-Wer, Osíris, Rá, Atum, Atum-Ra, Ra Herakhty, Neferhor, Nekheny, Mekhenty-er-irty, Khenty-er-irty, Har-Behedti, Ihy, Bebti, Heru-sema-tawy e muitas outras. Novamente toda e cada uma destas designações movimenta-se de um mito para outro – todos supostamente o mesmo deus, mas deuses diferentes, com características diferentes. Confundido? Sem dúvida. Dada a constante mudança de nomes e características de Hórus, não é difícil de imaginar como alguém pode seleccionar e escolher o que quiser em relação a este deus-sol ou qualquer outro deus. E o Zeitgeist quer denegrir o Cristianismo ao adoptar esta linha de pensamento. Mas os “factos” aqui apresentados não sustentam isto. (Fontes F, I e J).

**P4, S4: "Dos antigos hieróglifos do Egito, nós sabemos muito sobre este messias solar”**

**A Minha Resposta:** O dicionário Webster define Messias como:

“1. O desejado Redentor e Rei dos Judeus 2. Jesus Cristo 3. messias, um libertador e redentor.”

Na frase supra o Zeitgeist é culpado de antropomorfizar o personagem mitológico, ridiculamente imaginado, de Hórus – o mesmo de que eles acusam o Cristianismo em relação a Jesus Cristo. Não só o comportamento do Zeitgeist é contraditório, como também a própria afirmação é totalmente enganadora, dada a definição literal do Webster. Hórus não era nenhum messias, em particular para o povo do Egito. O metafórico Hórus, como diz a lenda, levou o Baixo Egito a lutar contra o Alto Egito em 3000 AC. O problema advém de atribuir “messianismo” a alguém que nem ganhou em batalha, nem livrou o seu povo da mesma. (Fontes F, I – J).

**P4, S5: "Por exemplo, sendo Hórus o sol, ou luz...”**

**A Minha Resposta:** De novo, Hórus não era o “sol” ou a “luz” mas sim um deus-sol (ver Fontes F, I e J). Nos hieróglifos desenhados nas referências bibliográficas do Zeitgeist, Hórus senta-se no trono com uma imagem separada e distinta do sol por cima de si. De acordo com a interpretação egípcia, esta ilustração representa Hórus como o deus-sol, não a “luz” ou qualquer coisa do género. Interpretar e caracterizar Hórus como sendo exclusivamente a “luz” é definir um paralelo entre Cristo e Hórus que simplesmente não existe.

**Nota:** Existem algumas reivindicações críticas importantes feitas pelo Zeitgeist no parágrafo 5. Contudo, devemos ter em mente durante a análise a este parágrafo que ele começa com um aviso. O Zeitgeist admite que eles estão apenas “Genericamente falando...” sobre a informação seguinte. Esta declaração ou aviso por parte do Zeitgeist é para ser levada bem à letra. Trata-se de analogia (metonímia), novamente, partindo do pouco.

**P5, S1 (Part 1): "Genericamente falando, a história de Hórus é como se segue: Hórus nasceu a 25 de Dezembro..." [negrito nosso].**

**A Minha Resposta:** Por todo o filme, o Zeitgeist tenta definir paralelos entre religiões pré-Cristãs e o Cristianismo. Por outras palavras, o Zeitgeist está empenhado em mostrar que o Cristianismo não é nada mais do que um produto residual de sistemas de crenças ancestrais. Neste exemplo em particular, o Zeitgeist pretende demonstrar que a celebração Cristã do nascimento de Cristo a 25 de Dezembro não é mais do que uma réplica do nascimento de Hórus. Mas é verdadeira esta alegação?

Factos que interessam: só os nascimentos de uns poucos de deuses pré-Cristãos eram celebrados a 25 de Dezembro, certamente não todos, muito menos a maioria. Hórus, Ishtar e Mithra, só para nomear alguns. Mas isto é compreensível, dadas as realidades astrais dos pagãos. Para estes indivíduos e comunidades, o 25 de Dezembro representava o solstício de Inverno – o dia em que noites mais curtas e dias mais longos podiam ser antecipados. Era a sua primordial festividade anual. Mas o 25 de Dezembro não se enquadra no nascimento de Cristo quer biblicamente quer fora da igreja Católica original. O nascimento de Cristo não pode ser apurado, ponto final. A Bíblia é vaga. A data não é mencionada e portanto não é importante. De facto, é mais provável que Cristo tenha nascido em Março do que em Dezembro, se isso for de alguma utilidade. A primeira referência à celebração Cristã do Natal é encontrada no Calendário de Filocalus, um manuscrito compilado em Roma no ano 354 DC. Está registado que o jubileu natalício foi criado e estabelecido em 25 de Dezembro pela igreja Católica ancestral de forma a persuadir os pagãos Romanos a converterem-se ao Cristianismo. Este acto específico era para assegurar aos pagãos que um completo e imediato abandono das festividades de Inverno não era pré-requisito para a aceitação de Cristo (Fonte G). A antiga igreja Católica designou esta data, não a Bíblia. O Zeitgeist avança com ataques contra o Cristianismo por utilizar a mesma data que os pagãos, mas novamente este ataque é enganador. O Cristianismo é muito maior e mais extenso do que alguma das suas partes, por exemplo, alguma denominação ou facção em particular. Daí que esta inferência do Zeitgeist possa ser rejeitada.

**P5, S1 (Part 2): "... Da virgem Ísis-Meri".**

**A Minha Resposta:** As referências bibliográficas do Zeitgeist não dão crédito à perspectiva de Hórus ter nascido de uma “virgem”. Isso é imaginado e publicitado por forma a escarnecer do Cristianismo. A prevalência de nomes e características em constante mudança de deuses mitológicos ao longo do tempo torna fácil a selecção a partir de um rodízio de desejos para toda e qualquer entidade (ver P4, S3 supra). A ideia de que Ísis “possa” ter sido virgem é somente imaginação – nem sempre apercebida (Fonte I). Podemos discernir o engodo do Zeitgeist olhando para as suas próprias referências bibliográficas:

“É comumente discutido em como Ísis não era uma virgem porque, numa das versões do mito, ela engravida-se a ela própria usando o falo cortado de Osíris [o suposto pai de Hórus] depois de ele ter sido morto e trucidado em pedaços... Uma “concepção miraculosa”. [negrito

e sublinhado nossos]

**Nota:** Não existe menção a Ísis como sendo uma “virgem” nesta referência bibliográfica. É igualmente verdade que o Zeitgeist destrói o seu próprio propósito ao admitir: “É comumente discutido em como Ísis não era uma virgem”. Como se isto não bastasse, o Zeitgeist avança ainda para incluir também a ideia de uma “Imaculada Concepção”. Isto é uma tentativa adicional no sentido de preparar a audiência para propaganda anti-Cristã.

Na referência bibliográfica seguinte do Zeitgeist, está descrito:

“Contudo, numa outra versão do mito, Frazer refere que Ísis engravidou de Hórus: Enquanto ela pairava na forma de falcão sobre os restos do seu marido morto... uma “concepção virginal”.”

**Nota:** Como é que Frazer, ou qualquer outra pessoa para o efeito, deduziu a partir desta referência bibliográfica que Ísis era virgem quando engravidou? E esta é a passagem que o Zeitgeist quer usar na validação de que Ísis era uma virgem? E como é que Frazer, Massey, e portanto o Zeitgeist, concluem que o nascimento de Hórus proveio duma “concepção virginal”? Esta conclusão incorrectamente apurada “manipula” ou “conduz a pessoa” a interpretações dúbias. O uso da manipulação por parte do Zeitgeist é verdadeiramente uma restrição à verdade. A sua metodologia é traiçoeira, falsa e nada científica. Mas o objectivo e o alvo permanecem intocados – Cristo e os Seus seguidores (Fontes F, G, H e I).

#### **P5, S2 (Part 1): "O seu nascimento [de Hórus] foi consumado por uma estrela no Este..."**

**A Minha Resposta:** Novamente, o Zeitgeist procura desvalorizar o Cristianismo através da sugestão de que não é mais do que o reflexo de registos religiosos anteriores. Enquanto que a reclamação do Zeitgeist supra citada poderá aplicar-se a um Hórus imaginário, o culminar da estrela Sirius durante o solstício de inverno não teve nada a ver com o encaminhar dos magos ao local de nascimento de Cristo.

Primeiro, o nascimento de Cristo não foi meramente anunciado por uma “estrela do leste”. O seu nascimento foi profetizado milhares de anos antes, começando em Génesis 3:16 e por todo o resto da Bíblia. Mas tendo em consideração o entendimento da Natividade dado pelo Novo Testamento, a vinda de Cristo é cientificamente inexplicável à luz da astronomia ou dentro da pseudo-ciência da astrologia. Tanto Massey como o Zeitgeist avançam a reclamação de que três reis ou magos usaram a estrela Sirius da constelação Canis Major para os guiar – como se a Sirius fosse alguma anomalia no céu, despertando a atenção dos magos, e guiando-os ao local de nascimento de Cristo. O problema com o pressuposto do autor é evidente. Sirius é observável praticamente de qualquer parte da Terra durante a maior parte do ano. Algumas vezes, Sirius é até visível durante o dia. O seu zénite helicoidal acontece durante o solstício de Verão, a 21 de Junho. O seu declínio acontece por volta do “então suposto” solstício de Inverno a 01 de Janeiro. Por outras palavras, a visão de Sirius particularmente para os magos, que são presumivelmente astrólogos ou astrónomos, não estaria nem um bocadinho mais fora da normalidade do que qualquer outro solstício de Inverno. Porque pensariam então os magos que a estrela Sirius representaria um evento significativo? Sirius era, e permanece, visível como a estrela mais brilhante no céu. Vai contra todas as probabilidades Sirius ser o veículo conducente dos magos ao nascimento de Cristo. Segundo, também é verdade que o Zeitgeist menciona somente uma referência bibliográfica para esta situação, e novamente pelo demérito Gerald Massey. Esta citação em particular provém do livro de Massey, *The Historical Jesus and the Mythical Christ*. Uma vez que os trabalhos de Massey são continuamente utilizados dentro

das doutrinações do Zeitgeist, será propositado analisar o indivíduo. Pois, contrariar com uma base académica sólida perante o trabalho de Massey seria discutir em vão. (Ver também Fonte H(2) e referência bibliográfica do Zeitgeist).

**Nota:** Criticar fontes referenciadas é criticar a “Falácia Lógica da Genética”. É por isso que se torna imperativo investigar o autor e as suas obras. Tendo em conta que as dissertações de Massey foram formuladas na sua maioria com base na analogia ou conjectura, é fácil de perceber porque os trabalhos deste autor do séc. XIX são considerados pela maioria como dignos de objecção.

### **Gerald Massey**

Gerald Massey nasceu em Herfordshire, RU, no ano de 1828. Massey cresceu em condições pobres, deprimentes, inquietantes e indigentes. Na opinião deste autor, a infância de Massey não poderia fazer mais do que afectá-lo pelo resto da sua vida. A sua visão e excentricidade anos mais tarde tornaram-se óbvias através da sua poesia emotiva e rebelião à norma religiosa. Massey era 1) um Espiritualista Moderno, 2) um evolucionista e 3) o “grão-mestre” da Mais Antiga Ordem de Druidas, de 1880 a 1906 – uma sociedade não-céltica, secreta e pagã. As suas relações incluíam tanto os escolásticos como os não tão escolásticos dadas as suas 4) frequentes ligações à Maçonaria. Depois de passados anos como poeta, Massey dedicou-se à decifração de sonetos shakespearianos enquanto muitos levantavam as vozes em desconfiança pelas interpretações de Massey. Saber que Gerald Massey foi um autodidacta não ajudou muito na promoção da sua causa. Massey mais tarde veio a migrar para o campo da egiptologia onde a maioria dos seus trabalhos continuou a ser alvo de disputa por entre egiptologistas consagrados e motivo de intriga para aqueles desejosos de uma cosmologia ateia. Foi aqui que o subterfúgio de Massey persistiu, à medida que ele incompetentemente tentou ligar a simbologia do Egipto à história de Cristo e do Cristianismo. Indubitavelmente, os escritos, livros e sermões de Massey estavam concebidos para poucos, quer na altura, quer agora. O empobrecimento continuado de Massey visivelmente forçou e afunilou o seu esforço de narrativa. Isto, aparentemente, foi para chamar atenção do seu trabalho e assim conseguir o sustento financeiro que ele tão fervorosamente procurava. Massey morreu em 1907. E as filosofias de Freud, Marx, Nietzsche e o movimento humanista daí resultante seguiram-se. (Fontes H(1), (2), (3), (4) e (5).)

**Nota:** Por favor examinar cuidadosamente a Fonte H(5). É imperativo para se compreender a derradeira motivação do movimento pós-moderno. Independentemente do quanto os autores distorçam os textos originais, eles não conseguem obter os resultados desejados – uma ligação directa entre crenças pré-Cristãs e dos verdadeiros Cristãos.

### **P5, S2 (Part 2): “... A qual por sua vez, três reis seguiram para localizar e adornar o recém-nascido salvador”.**

**A Minha Resposta:** Primeiro, até mesmo Gerald Massey está certo que a metáfora assumida pelo Zeitgeist divulgada no hieróglifo não são reis de todo, mas sim meras representações de estrelas dentro da constelação astral de Orion (ver a fonte do Zeitgeist). Se é bem verdade que muito do trabalho de Massey foi criticado pela sua imprecisão, também pode acontecer que estes seus esforços circunscritos sejam bem melhores que os dos argumentistas do Zeitgeist. Se existe alguma similitude aqui, esta será mais por incorporação do Zeitgeist do que por qualquer outra coisa. Segundo, relativamente à reivindicação do Zeitgeist no que respeita à presença de três reis que vieram para “Adornar o novo salvador”: não existiram “Três Reis”. Em termos Bíblicos, existiam somente “magos” e o seu número não está especificado na Sagrada

Escritura (Ver também P12, Part 2).

**P5, S3 (Part 1): "Com a idade de 12, ele era um menino-prodígio professor, e com a idade de 30..."**

**A Minha Resposta:** O Zeitgeist não apresenta uma única referência bibliográfica indicando que ele, Hórus, "Com a idade de 12 ... era um menino-prodígio professor...". E nem as Fontes F, I ou J. Esta proclamação por parte do Zeitgeist é uma contradição com a evidência veiculada por via da sua própria bibliografia. Isto é, como muito cordialmente se poderá dizer, uma mera analogia por parte do Zeitgeist de outra analogia – de outra analogia – e de outra analogia, ad infinitum, ad nauseam. Este método apresenta consistentemente uma infinita e duvidosa montra dos conhecidos arte-"factos". Não existe menção a Hórus como sendo um "professor prodígio" na literatura de Massey; nenhuma, qualquer que seja. E a única aparição de Hórus como tendo "doze", com alguma mínima relevância e que Massey evidencia na mitologia Egípcia, era "por volta" daquela altura que uma criança passava da adolescência para o mundo dos adultos. Mas logo a seguir Massey avança somente para se contrariar a si próprio na mesma citação ao divulgar que seria "por volta" daquela altura da idade dos trinta, na tradição Egípcia, que o homem se tornava um "verdadeiro" adulto. Confundido? Sem dúvida. Concluindo este quadro da mensagem do Zeitgeist, não existe suporte bibliográfico sugerindo que Hórus tenha começado qualquer tipo de ministério, muito menos com a idade de trinta. (Ver as referências bibliográficas para este assunto).

**P5, S3 (Part 2): "... Ele foi baptizado por alguém conhecido como Anup..."**

**A Minha Resposta:** As Fontes F, I e J não espelham esta alegação. Uma análise da bibliografia do Zeitgeist sobre este assunto aponta para um exagero do que a simbologia Egípcia narra. Como Massey ele próprio hiperboliza, Hórus suplica aos deuses, supostamente, por exaltação e perdão. A simbologia Egípcia exhibe Hórus no barco de Anup, supostamente, pedindo por ensinamento e propiciação no lugar entre "dois sicómoros". Os dois sicómoros tipificam, na linguagem faraónica, os dois portões da Vida Egípcia do Além – Este e Oeste. O "baptismo por Anup" nunca está representado, e portanto, nunca mencionado. É simplesmente um produto de ad-libitum ou "adicionado com um propósito".

**P5, S4: "Hórus tinha 12 discípulos com quem ele viajava nas redondezas, realizando milagres tais como curar os doentes e andar sobre a água".**

**A Minha Resposta:** As Fontes F, I e J não reflectem esta reivindicação, nem nada que se pareça. Nem em lado nenhum dos meus estudos está alguma vez implícito que a afirmação do Zeitgeist não é mais do que uma analogia dos doze signos astrológicos considerados "discípulos". Isto é adicionalmente clarificado, e até mais apropriadamente, no P17 e P18 infra.

**P5, S5: "Hórus era conhecido por muitos nomes simbólicos tais como A Verdade, A Luz, Filho Ungido de Deus, O Bom Pastor, O Cordeiro de Deus, e muitos outros".**

**A Minha Resposta:** Isto é um triste testemunho à falta de rigor académico do Zeitgeist. O Zeitgeist refere dois registos bibliográficos em suporte da frase supra. No entanto, não existe suporte. No primeiro registo bibliográfico, o autor apresenta atributos de Osíris – não Hórus, o objecto da discussão (ver P29, Part 2 infra). Também inserido no mesmo trabalho, o autor não exhibe uma única referência em rodapé espelhando um único nome "simbólico" listado supra. No registo bibliográfico seguinte, o autor seguinte omite qualquer fonte de rodapé, fosse ela qual fosse. Por outras palavras, nós apenas podemos deduzir que a frase supra não é mais do que

uma opinião infundada.

**P5, S6: "Depois de ter sido traído por Tifão, Hórus foi crucificado, sepultado por 3 dias, e depois, ressuscitado".**

**A Minha Resposta:** As Fontes F, I e J não reflectem a sua reivindicação. Não existe uma única alegoria à "Crucificação, morte por 3 dias e ressurreição" inserida no panteão de deuses pré-Cristãos – nem uma. A maioria das lendas anteriores ao Cristo histórico centra-se na morte e no renascimento de vegetação ou outros conceitos etéreos – não de um ser real histórico. (Fonte N(2)).

**P6: "Estes atributos de Hórus, quer sejam originais ou não, parecem disseminar-se em muitas culturas do mundo, pois em relação a muitos outros deuses é-lhes encontrada a mesma estrutura mitológica geral".**

**A Minha Resposta:** Ora aqui está em resumo: o Zeitgeist admite que as conjecturas aqui elaboradas não são necessariamente provenientes do texto original. Obviamente, isto pode muito bem significar a alteração de nomes, personagens, qualidades ou qualquer coisa que o autor deseje. O Zeitgeist, tal como outros autores pós-modernos, incorpora ou ajusta interpretações de modo a enquadrar às suas próprias necessidades. No caso em apreço, o Zeitgeist aparentemente pretende erradicar o Cristianismo – pelo menos a história de Cristo.

**Nota:** o Zeitgeist faz pouca distinção entre o deus mitológico Hórus e a realidade histórica de Jesus Cristo. Isto, acredito eu, é feito com uma motivação oculta. O Zeitgeist tenta esboçar uma ligação onde não existe nenhuma. Agora o Zeitgeist deseja levar este ponto mais adiante ao afirmar: "Muitos outros deuses apresentam a mesma estrutura mitológica geral". Ele usa os deuses infra num esforço assustador para destruir o cristão. Só farei um comentário abreviado por cada deus e logo indicarei determinadas Fontes. Cada um pode ver prontamente que não há nada em comum entre esses deuses mitológicos e Jesus de Nazaré.

**P7: Attis: uma divindade mitológica louca que cortou os seus genitais. Os genitais foram enterrados e reproduziram-se como uma amendoeira. A aparente morte desta amendoeira resultou na formação de um pinheiro de folhagem persistente, supostamente Attis.** Onde está a história de Cristo nesta metáfora imaginada? (Fontes K e N (2).)

**P8: Krishna: Inicialmente, apenas um dos dez avatares de Vishnu (a divindade suprema imaginada). Krishna foi o primeiro a ser adorado como uma divindade em aproximadamente 900 AC.** As interpretações foram transpostas para as fés Grega, Jan, Budista e Baha'i. Contudo, os quadros conceptuais teológicos não foram desenvolvidos até onze séculos depois da morte, sepultura e Ressurreição de Jesus Cristo. Isto é quando os cenários da morte, enterro e renascimento (não ressurreição) de Krishna foram inicialmente conhecidos – muito provavelmente um resultado da história de Cristo. Assim quem usurpou a quem? (Fontes L e N (2).)

**P9: Dionísio da Grécia: uma mera extensão helenico-grega do deus mitológico egípcio, Osíris.** Este imaginado personagem grego era supostamente um deus do lagar de vinho, o qual teria sido expulso do seu reino e assim acabou a ensinar aos humanos sobre o crescimento de uvas e a extracção do êxtase intoxicante. Mas Osíris (também conhecido como Adónis, Eshmun, Melqart, Asclepius ou Giza) foi um deus morto e ido — não ascendido. Ele nunca regressou à Terra ou à Vida. Onde está o cenário da "crucificação, morte de 3 dias e

ressurreição" nesta história? (Fontes M e N (2).)

**P10: Mithra da Pérsia: um conceito Indo-persa que significa "Aliança, contrato, juramento, tratado ou amigo".** Este conceito foi posteriormente antropomorfizado como uma divindade no Zoroastrismo, Arianismo, dentro do Vedas, no Maniqueísmo e na dinastia Acménida. Não há nenhuma evidência que Mithra tenha influenciado os escritores do Evangelho, de todo. De facto, inclusivamente não antes do século II DC foi Mithra conhecido no mundo Romano. O Novo Testamento tinha sido há muito tempo concluído por esta altura. Novamente, quem mais provavelmente usurpou a quem? (Fontes N(1) e N(2).)

**P11, Part 1: "O facto material é que existem numerosos salvadores, de diferentes períodos, de todo o mundo, que assentam nessas características gerais."**

**A Minha Resposta:** A frase supra mencionada é censurável porque ela engana o povo ao introduzir analogias por meio de incorporação (transformação via análise opinada). Isto é feito num esforço para esboçar um paralelo concreto entre a maior parte das religiões mitológicas pré-Cristãs e o Cristianismo. As partes da frase que são enganadoras incluem: 1) "O facto material", 2) "Numerosos salvadores" e, 3) "Que assentam nessas características gerais." Primeiro, não há nenhum "Facto material." Isto é conjectura pessoal baseada em premissas nebulosas. Quando as conclusões são baseadas em premissas falsas ou opinadas, a própria conclusão nunca poderá ser verdadeira. Em segundo lugar, no caso do Zeitgeist, a frase "Numerosos salvadores" é baseada numa interpretação pessoal da palavra "salvador" – não numa interpretação literal da mesma. Dado que a emoção é parte do raciocínio do Zeitgeist, o seu resultado próximo não pode ser verdadeiro. Terceiro, "Que assentam nessas características gerais." Esta parte é também uma conclusão opinada e assim falsa, uma vez mais. O escritor não concedeu credibilidade a nenhuma parte da reivindicação supra mencionada, de todo.

**P11, Part 2: "A questão permanece, porquê esses atributos..."**

**A Minha Resposta:** Se alguma semelhança existe entre os conceitos pré-Cristãos e os Cristãos de Deus, então ela poderia ter origem nas limitações do homem em pensar e falar sobre o metafísico. Existem tantas formas de falar sobre o físico; muitas menos para falar do desconhecido. É a natureza pecaminosa do homem e a conseqüente mortalidade que instiga dúvidas sobre Deus, vida, morte, e possibilidade de uma vida após a morte — até e incluindo o Julgamento. Esta é a forma como Deus nos concebeu, como deve ser (Rom. 1).

**P11, Part 3: "... porquê o nascimento virginal..."**

**A Minha Resposta:** foi demonstrado nestes escritos que o assim chamado "nascimento virginal" de Hórus é uma distorção da verdade. (Ver P5, S1 (Part 2) supra e Fontes F, I, J, K, L e M.)

**P11, Part 4: "...a 25 de Dezembro..."**

**A Minha Resposta:** Já foi demonstrado que 25 de Dezembro é a celebração pagã do solstício de Inverno e que a igreja Católica original, não o Cristianismo (per se) ou a Bíblia (especificamente), reconhecem este dia como o dia bíblico no qual Cristo nasceu. (Ver P5, S1 (Part 1) supra e Fontes G e N (2).)

**P11, Part 5: "...porquê morto durante três dias..."**

**A Minha Resposta:** No que diz respeito aos deuses mencionados no Zeitgeist, e à insistência por parte do Zeitgeist de que eles estiveram mortos durante três dias, não há uma única Fonte ou estudo pessoal que ecoe esta reclamação. Novamente, isto é ad-libitum ou “adicionado com um propósito”. Por favor ver P15, S11 infra onde esta questão é analisada em pormenor. P11, Part 6: "...e a inevitável ressurreição..."

**A Minha Resposta:** Não existe nenhuma "inevitável ressurreição." Mais uma vez, Osíris foi um deus morto e ido — não ascendido. Ele nunca regressou à Terra ou à Vida (ver a Fonte H (5), página 11). Os genitais de Attis foram cortados, plantados e ressurgiram como uma árvore de pinheiro de folhagem persistente (Fonte K). Onze séculos depois de Cristo, Krishna de repente arrebatou os cenários (Fonte L e N (2)) da morte, enterro e renascimento (não ressurreição). E a lista e as fabricações continuam. Por favor refiram Fontes de outros deuses!

#### **P11, Part 7: "...porquê 12 discípulos ou seguidores?"**

**A Minha Resposta:** Não fui capaz de descobrir um “doze discípulos a seguirem” em nenhum dos meus estudos relativos a deuses pré-Cristãos. Trata-se de homogeneização e má aplicação de mitologias astronómicas e astrológicas antigas na história do Cristianismo por parte do Zeitgeist (por exemplo, os doze sinais astrológicos). Uma discussão mais extensa sobre este assunto ocorre em P17 e P18 infra. (Fontes D e E.)

#### **P11, Part 8: "para o esclarecer, vamos examinar o mais recente dos messias solares".**

**A Minha Resposta:** O pressuposto do Zeitgeist está errado e assim a sua conclusão. Jesus não foi nenhum "Messias solar". Isto é ‘Conduzir a Testemunha’ na tentativa de chegar a uma conclusão desejada. Caracterizar Cristo como um Messias solar é simplesmente esboçar um paralelo ainda não fundamentado entre crenças pré-Cristãs e Cristãs. (Ver também P4, S4 supra.)

#### **P12, Part 1: "Jesus Cristo nasceu de uma virgem Maria no dia 25 de Dezembro..."**

**A Minha Resposta:** Novamente, Jesus Cristo não nasceu no dia 25 de Dezembro. A Bíblia não é específica. O jubileu do Natal foi criado e fixado no dia 25 de Dezembro de modo a estimular os pagãos romanos a converterem-se ao Cristianismo sem perder a sua própria celebração de Inverno e assim, as suas festividades. (Ver P5, S1 (Part 1) e Fonte G.)

#### **P12, Part 2: "...Em Belém, o seu nascimento foi anunciado por uma estrela do Leste, a qual três reis ou magos seguiram para localizar e adornar o novo salvador..."**

**A Minha Resposta:** Primeiro, o nascimento de Cristo não foi anunciado simplesmente "por uma estrela do Leste". Esta questão já foi tratada (Por favor rever P5, S2, Part 1 – supra). Segundo, acerca da afirmação do Zeitgeist relativamente à presença de três reis que vieram "para adornar o novo salvador", não houve nenhum "Três Reis". De acordo com as Escrituras, só existiram "magos" e o seu número não é especificado. (Ver também P5, S2 supra e Fontes O (1) e O (2).)

#### **P12, Part 3: "... Ele foi um professor ainda criança, aos doze..."**

**A Minha Resposta:** Em Lucas 2:46, torna-se claro que Jesus não assumia o papel de um mestre com doze anos de idade mas sim o de um estudante respeitoso, curioso. Reclamar

falsamente que Jesus ensinava às pessoas mais velhas, como na teoria mal promulgada referente a Hórus (ver P5, S3 (Part 1) supra) é entrar em malabarismos duvidosos. A razão para isto é óbvia: Jesus na realidade começou a ensinar nas sinagogas com cerca de trinta anos da idade (cf. Lucas 4:15 e P12, Part 4 infra).

**P12, Part 4: "...Com 30 anos de idade ele foi baptizado por João Baptista, e então começou o seu ministério..."**

**A Minha Resposta:** O ano exacto em que Cristo nasceu é desconhecido. É largamente reconhecido que o nascimento de Jesus pode ter ocorrido entre 7 AC e 6 DC. Isto significaria que Cristo começou o Seu ministério algures entre os vinte e quatro e os trinta e sete anos da idade. O discípulo Lucas simplesmente afirma que foi "por volta" (em grego, Hosei) da idade de trinta anos quando Jesus foi baptizado (ver Lucas 3:1-23). Dado que o Zeitgeist falhou no seu primeiro pressuposto no que respeita a Hórus ter começado um ministério com a idade de trinta anos (ver P5, S3 (Part 1) supra), uma conclusão de que Jesus e Hórus tiveram começos ministeriais semelhantes é necessariamente falsa. Por outras palavras, o raciocínio do Zeitgeist está gasto. Uma conclusão válida não pode ser obtida de um pressuposto falso, presumido ou por provar.

**P12, Part 5: "Jesus teve 12 discípulos..."**

**A Minha Resposta:** As Escrituras também averbam que Jesus teve setenta discípulos os quais foram enviados dois a dois, fazendo milagres (cf. Lucas 10:1 e 17). Assim, qualquer tentativa de associar os doze discípulos de Jesus a doze sinais astrológicos é simplesmente adulterada. Esta matéria é ainda mais aprofundada em P17 e P18 infra.

**P13, S1: "Antes de mais, a sequência do nascimento é completamente astrológica".**

**A Minha Resposta:** O Zeitgeist não apresentou uma única prova para validar esta afirmação. Isto é estritamente absurdo, como este documento revela. (Fontes D, E e H (5).)

**P13, Remainder of S1:** "A estrela do Leste é Sirius, a estrela mais brilhante no céu à noite, que no dia 24 de Dezembro alinha com as 3 estrelas mais brilhantes na Cintura de Orion. Essas três estrelas brilhantes são chamadas na antiguidade de: Os Três Reis. Os Três reis e a estrela mais brilhante, Sirius, apontam para o lugar do nascer do sol no dia 24 de Dezembro. É por isso que os Três reis 'seguem' a estrela de Leste, de modo a localizar o erguer do sol – o nascimento do sol."

**A Minha Resposta:** Primeiro, como até Massey sugere, as três estrelas não representam "Três Reis". Elas são simplesmente as três estrelas na Cintura de Orion. Segundo, a celebração do Natal no dia 25 de Dezembro não é uma verdade bíblica. Esta data foi adoptada pela igreja Católica original para persuadir os pagãos inundados em mitos a converterem-se à doutrina Cristã (ver P5, S1 (Part 1) supra). Terceiro, não houve nenhum "Três Reis" no nascimento de Cristo. De acordo com a Bíblia, só existiram "magos" e o número deles não é especificado nas Escrituras (ver P12, Part 2, supra). Quarto, o alinhamento de Sirius e as três estrelas mais brilhantes de Orion era um acontecimento anual. Porquê então os magos (considerados astrólogos ou astrónomos) prestariam maior atenção a este determinado solstício de Inverno do que a qualquer outro antes? Mais uma vez, é objectivo do Zeitgeist estabelecer paralelos onde eles não existem. (P12, Part 2 supra.)

**P14, S1: "A Virgem Maria é a constelação de Virgem, também conhecida como Virgo – a**

**Virgem. Virgo em latim significa a virgem. O símbolo antigo para Virgem é um 'm' alterado. É por isso que Maria, conjuntamente com outras mães virginais como a mãe Myrrha de Adonis, ou mãe de Buda, Maya, começa com um M..."**

**A Minha Resposta:** Primeiro, não há nenhuma evidência de sustentação de que "a Virgem Maria é a constelação de Virgem". Fazer uma reivindicação tão infundamentada é não escolástico, enviesado e rancoroso. Segundo, Virgem representa uma constelação de estrelas — não uma determinada pessoa. Somente na iconografia de Zodíaco nós vemos a constelação de Virgem simbolizada por uma mulher, e certamente não a "Virgem Maria". Terceiro, o sinal astrológico de Escorpião é também um 'm' alterado. O sinal astrológico específico de Escorpião é o escorpião. Na mitologia astrológica, o Escorpião representa a água ou os elementos, como também o "Assassino de Orion". Orion, em conjugação com o alinhamento de Sirius, é a cintura de estrelas que o Zeitgeist utiliza na tentativa de trazer a legitimidade à reivindicação de que foi este o objecto, ou o grupo de objectos, a conduzir os magos ao lugar de nascimento de Cristo (ver P12, S2 supra, onde este postulado é completamente desmantelado). Se o 'm' puder representar Virgem ou Escorpião, então é igualmente provável que o Escorpião represente o assassino na teoria da "estrela de Leste" do Zeitgeist, tal como qualquer outra coisa. E falar de hipóteses não mitigadas! Quarto, de uma miríade de deuses que foram venerados ao longo tempo, o Zeitgeist só consegue lembrar-se de um total de dois nomes que começam com um 'M' traduzido em Inglês. Razão para falar "A montanha pariu um rato!" Incrível. Ao fazer isto, o Zeitgeist torna-se vítima das falácias lógicas de non sequitur, demissão, falsa analogia, ignorância tamanha, conclusão irrelevante, reivindicação insignificante, provincianismo, generalização precipitada e açambarcadora, entimema inaceitável e pensamento tendencioso. (Fontes P1 e P2.)

**P14, S2 e S3: "Virgo é também referida como Casa do Pão, e a representação de Virgo é uma virgem a segurar um feixe de trigo. Esta Casa do Pão e o seu símbolo de trigo representa Agosto e Setembro, a altura da colheita".**

**A Minha resposta:** A única referência bibliográfica do Zeitgeist dada para estas duas frases não aborda a reivindicação. De facto, a referência admite abertamente a potencialidade de distorção e engodo, motivação derradeira. A referência regista:  
"Os significados dos símbolos do Zodíaco são, nos dias de hoje, em grande parte interpretativos e objecto de várias conjecturas... pretende-se neste trabalho provar que registos muito mais elevados e mais importantes, os da única e verdadeira sabedoria do homem, estão contidos nos emblemas das constelações." [Sublinhado adicionado].

Após esta referência bibliográfica, será que algo mais tem de ser dito? Será que algo mais tem de ser escrito? É igualmente verdade que nenhuns dos estudos anexados sustentam a reivindicação do Zeitgeist de que "Virgo é também referida como a Casa do Pão". (Fontes P (1), P (2), D, E, e H (5).)

**P14, S4, S5: "Por sua vez, Belém, de facto, traduz-se literalmente como "Casa do Pão". Belém é, assim, uma referência à constelação de Virgem, um lugar no céu, e não na Terra."**

**A Minha Resposta:** Na Strong's Exhaustive Concordance, a palavra grega Belém é definida como:

"De origem Hebraica (1036); Bethleem (isto é, Beth-lechem), um lugar na Palestina: Belém". Na parte Hebraica e Caldeia do Dicionário da Concordância Strong's, o nº 1036 é definido como:

"a partir de 1004 e fem. De 6083 (com prep. Interposta); Casa para (isto é, de) poeira; Beth-le-Aphrah, um lugar na Palestina: Casa da Aphrah ".

Insistir que a palavra Belém é uma referência à constelação de Virgem é formar uma conclusão baseada em duas questionáveis, se não três falsas, premissas (rever P14, S2-S5 supra).

**P15, S8 & S10: "...Durante esta pausa de três dias, o Sol reside na vizinhança da constelação do Cruzeiro do Sul, ou Crux... E por isso foi dito: o Sol morreu na cruz, permaneceu morto por três dias, para ser ressuscitado ou nascer de novo".**

**A Minha Resposta:** Primeiro, qualquer astrónomo secular seria o primeiro a admitir que o sol nunca 'pausa' por qualquer período de tempo – muito menos por três dias (ver também P2, S1). Segundo, durante a maior parte do mundo Romano em que foram escritos os Evangelhos, o sol não reside num qualquer lugar perto do Cruzeiro do Sul ou por volta do 25 de Dezembro. (Ver também P2, S1). Terceiro, como um colega meu me escreveu há pouco, se o Solstício de Inverno verdadeiramente ocorrer em 21 de Dezembro, não estaria isto a negar a analogia do Zeitgeist da morte e ressurgimento dos três dias? Obviamente, concordo. Quarto, "dito" por quem? A referência do videotexto do Zeitgeist a esta afirmação reassegura o leitor que o Zeitgeist irá aplicar todo e qualquer meio para fabricar mais ridículas das assim chamadas analogias. A própria bibliografia do Zeitgeist desvenda os seus enganos e continuada utilização de um cavalo de Tróia:

"As interpretações variam no que diz respeito ao simbolismo da Cruz, à medida que as diferentes tradições fornecem informação diferente e conseqüente interpretação." [Sublinhado acrescentado].

Uma vez mais, aqui está em resumo: A globalidade do dogma pré-Cristão é um produto do mito evolutivo. Por outras palavras, a maior parte dos sistemas de crenças pré-Cristãs evoluiu ao longo do tempo. Estes sistemas, mais do que provavelmente, tornaram-se um reflexo da história real de Cristo, e não a origem da mesma.

**P15, S11: "É por isso que Jesus e numerosos outros Deuses-Sol partilham o conceito da crucificação, morte de 3 dias, e ressurreição."**

**A Minha Resposta:** Não existe uma única alegoria à "Crucificação, morte de 3 dias e ressurreição" dentro do panteão de deuses pré-Cristãos – nem uma. A maior parte das lendas anteriores ao Cristo histórico lidam com a morte e renascimento de vegetação ou de outros conceitos etéreos – não um ser histórico real. (Ver Anexo N (2).)

**P15, S12: "É o período de transição do Sol antes de mudar a sua direcção de volta para o Hemisfério Norte, trazendo a Primavera, e portanto a salvação."**

**A Minha Resposta:** Sem dúvida, a antiga civilização percepcionava a Primavera como um tempo de renovação. O longo inverno tinha infligido os seus efeitos sobre a sua capacidade de colheita das sementeiras. Mas o Zeitgeist continuamente utiliza palavras-chave obtidas a partir da Bíblia. Neste caso, "salvação". A razão para isto é óbvia – a tentativa de desligar o Cristão da sua sustentação espiritual.

**P16, S1 e S2: "Contudo, eles não celebravam a ressurreição do Sol até ao equinócio da Primavera, ou Páscoa. Isto porque no equinócio da Primavera, o Sol supera formalmente as trevas do mal..."**

**A Minha Resposta:** Primeiro, quem são "eles"? Em parte alguma das referências bibliográficas do Zeitgeist "eles" são definidos. Segundo, o Zeitgeist lista mais do que uma data em que "eles" supostamente celebravam a ressurreição do sol (sendo a palavra "ressurreição" uma incorrecção, para dizer o mínimo). Contudo, se fossemos a aplicar literalmente o uso do termo por parte do Zeitgeist, poder-se-ia dizer que o sol ressuscita todos os dias em vez de apenas exclusivamente na Primavera. Mas esta não é a intenção do Zeitgeist. É minha opinião que eles desejam falar com ambiguidade e assim causar confusão. O Zeitgeist faz isto quando eles desejam estabelecer paralelos entre pensamentos e práticas pré-Cristãos e Cristãos. Por exemplo, as duas datas indicadas na referida reivindicação são: "...até ao equinócio da Primavera, ou Páscoa". O equinócio da Primavera ocorre por volta de 21 de Março (Fonte R). A Páscoa pode ocorrer desde 22 de Março a 25 de Abril, ou até mesmo mais tarde, como Maio, considerando a Igreja Ortodoxa (Fonte S). Relendo o P15 do Zeitgeist, eles tentam publicitar a noção de que existe uma equivalência entre uma morte, sepultura e ressurreição relativos à declinação de inverno do Sol, e a ressurreição de Cristo. Existem problemas com essa tentativa de analogia: a) Dada a constantemente alterada e "então percebida" data do solstício de Inverno, como pode o Zeitgeist atribuir dias específicos para a morte e/ou ressurreição de alguma coisa? Eles não podem. Mas eles utilizam qualquer data conveniente para o seu propósito. b) Na reivindicação supra, o Zeitgeist nega a sua própria analogia da ressurreição de 3 dias, ao declarar: "Eles não celebravam a ressurreição do Sol até ao equinócio da Primavera, ou Páscoa". Isto revela um incontestável dilema para o Zeitgeist. O número de dias entre o Solstício de Inverno do sol e a Páscoa é cerca de sessenta e oitenta e cinco dias – muito mais do que no cenário da ressurreição de três dias imaginado pelo Zeitgeist. Terceiro, usar a frase "O Sol supera formalmente as trevas do mal" é entrar novamente na Idade das Trevas. Não há qualquer mal inerente à escuridão, embora se possa reconhecer ambiguidade no Zeitgeist.

**P17: "Agora, provavelmente o mais óbvio de todos os simbolismos astrológicos em torno de Jesus respeita aos 12 discípulos. Eles são simplesmente as 12 constelações do Zodíaco, com as quais Jesus, sendo o Sol, viaja à volta."**

**A Minha Resposta:** Esta declaração pode ser refutada com base nas próprias referências bibliográficas do Zeitgeist:

Relativamente aos 12 Discípulos e Mitraísmo, a bibliografia do Zeitgeist regista:

"Trata-se de doze deuses, como os Cristãos seguidores de Mithra tiveram os seus doze apóstolos."

Primeiro, a frase "Cristãos seguidores de Mithra" é uma má aplicação dos termos. As duas palavras são contraditórias e, deste modo, a auto-derrota. Não existe tal coisa como um "Cristão" que segue Mithra ou qualquer outro sistema de crença religiosa, no que diz respeito a esta questão. Segundo, o aparecimento de Mithra no mundo Romano não ocorreu até ao século II DC (Fonte N (1)). Isto revela uma fusão de alguns sistemas de crenças muito tempo depois da morte de Cristo – muitas vezes via Gnósticos. Deste modo, podemos dizer com alguma certeza que se verificou a indução de crenças Cristãs no Mitraísmo e não o contrário (Ver P6, "Mithra da Pérsia" supra e Fontes N (1) e N (2)). Terceiro, a selecção de 12 discípulos por parte de Jesus não aconteceu sem precedente histórico e bíblico. Os 12 discípulos espelhavam as 12 tribos de Israel, não 12 sinais astrológicos. As 12 tribos de Israel já existiam muito antes do culto Zodiacal do século V. (Ver P2, S1 e P18.)

**P18: "De facto, o número 12 está presente por toda a Bíblia. Este texto tem mais a ver**

**com a astrologia do que qualquer outra coisa."**

**A Minha Resposta:** Primeiro, o Zeitgeist não apresentou uma única prova de que o texto bíblico "tem mais a ver com a astrologia do que qualquer outra coisa". Este comentário é ridículo e vergonhoso para todos aqueles que se consideram formados. Segundo, é igualmente irresponsável seleccionar um número da Bíblia, quando há uma miríade de outros números sobre os quais existem relatos interessantes. Isto é entrar na falácia lógica da "Prova Ocultada." Por exemplo, o Zeitgeist esconde provas quando não fazem qualquer menção a outros números significativos e à sua ocorrência no interior da Bíblia – alguns dos quais excedendo a utilização do número 12. Outros números bíblicos podem incluir: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 40, 42, 50, 51, 65, 70, 120, 153, 200, 290, 400, 430, 490 e 666. Terceiro, a selecção de 12 discípulos por parte de Jesus não aconteceu sem precedente histórico e bíblico. Os 12 discípulos espelhavam as 12 tribos de Israel, não 12 sinais astrológicos. As 12 tribos de Israel já existiam muito antes do culto Zodiacal do século V. (Ver P2, S1 e P17).

**P19: "Voltando à cruz do Zodíaco, a luz figurativa do Sol [Sun/Son – implicação: Filho], esta não era apenas uma expressão artística ou ferramenta para monitorizar os movimentos do Sol. Era também um símbolo espiritual Pagão... Esta não é um símbolo do Cristianismo. Trata-se de uma adaptação Pagã da cruz do Zodíaco. É por isso que Jesus, na arte oculta inicial é sempre mostrado como a cabeça na cruz..."**

**A Minha Resposta:** O filme Zeitgeist falha numa outra tentativa para associar o mitológico à realidade e historicidade da Crucificação de Cristo. Primeiro, a cruz do Zodíaco e a Cruz em que Cristo morreu são diferentes. A cruz do Zodíaco é moldada como um "+" (sinal de adição), com quatro pontos iguais. A Cruz em que Cristo morreu tem mais a forma de um T. Assim, esta não reflecte a utilização da iconografia do Zodíaco por parte do Cristianismo para a Crucificação de Cristo. Embora Constantino tenha alterado a aparência da Cruz em 312 DC, esta mudança nunca espelhou a cruz Zodiacal (Fonte T). Segundo, é de notar o uso dos termos "oculta inicial" por parte do Zeitgeist em vez de termos para identificar os primeiros Cristãos. Isto, inconscientemente, afasta a Crístandade inicial de qualquer dos ataques do Zeitgeist. Terceiro, é também igualmente verdade que a arte NEM "sempre" retratou Cristo com uma cruz de proporções uniformes em fundo. Isto ocorreu, como o Zeitgeist (novamente, inconscientemente) subscreve, quando começaram as práticas "ocultas", uma série de anos depois de Cristo. De facto, no início do Cristianismo, o simbolismo da Cruz foi raramente ou quase nunca usado. Isto verificava-se devido ao medo Cristão de represálias. Teria identificado os Cristãos perseguidos às autoridades Romanas e assim terminado na capitulação dos Cristãos – na sua própria crucificação. A Crucificação era uma das mais horríficas formas de punição e morte que uma pessoa poderia experimentar. Desde cerca de 400 AC a 325 DC, os Romanos utilizaram o método da crucificação para consumir a pena de morte. Nenhum artista ou forma de arte nos primeiros dois séculos depois de Cristo utilizou a Cruz na reprodução do simbolismo Cristão. Mais uma vez, isto foi por receio de serem executados. Isto é evidente no segundo século DC – dentro das catacumbas, nos frescos, mosaicos, manuscritos, e nas esculturas dos primeiros cristãos (Fonte U). Mais tarde, muito mais tarde, como confirma o Zeitgeist, alguns artistas influenciados pelo Gnosticismo e paganismo ("o oculto") começaram a incorporar uma cruz de proporções uniformes por trás da cabeça de Cristo. Contudo, o facto permanece: a Cruz de Jesus, desde o primeiro dia e centenas de anos depois, nunca foi um produto do Zodíaco ou outras práticas pagãs. É aqui que o Zeitgeist fraqueja.

**P20: "Agora, das muitas metáforas astrologico-astronómicas da bíblia, uma das mais importantes tem a ver com as idades. Em toda a Escritura, há inúmeras referências à**

**"Era" ... "**

**A Minha Resposta:** Primeiro, de acordo com a Strong's Exhaustive Concordance of the Bible, o termo "idade", quer em hebraico quer em grego, exerce pouco ou nenhum significado fora do facto de representar o valor cronológico ou numérico de uma pessoa, lugar ou coisa. Seguramente que não assume o significado de uma "era" como o Zeitgeist professa. Segundo, se é certo que frases como "últimos (dias)", "final (dos tempos)", etc., lembram a ideia do fim de uma idade ou era – elas referem-se precisamente a isso, ao derradeiro fim de todas as coisas na Terra, não a uma continuação da mesma. Por outras palavras, "idade" como o Zeitgeist interpreta não tem nada a ver com períodos "astrológicos" dentro da Bíblia. Eles simplesmente não existem. (Ver também P22, infra.)

**P21: "Agora, a Bíblia apresenta, em termos gerais, um movimento simbólico através de 3 idades..." [Sublinhado acrescentado].**

**A Minha Resposta:** Primeiro, cá está novamente a conhecida expressão: "em termos gerais". Esta avisa o espectador do Zeitgeist que tudo o que vem a seguir dentro deste segmento do filme não pode ser tomado literalmente. Já vimos isso antes (ver P4, S5 supra). Segundo, entre a maior parte dos teólogos, há duas, ou talvez quatro dispensações – raramente, ou nunca, três. O Zeitgeist simplesmente tenta correlacionar o ciclo Zodiacal de 2150 anos sem conhecimento das perspectivas dispensacionais. Mais uma vez, eles não conseguem estar à altura porque não conseguem compreender as Escrituras e assim fazer a ligação que eles tão zelosamente desejam.

**P22, S1: "Agora Jesus é a figura que conduz para a era seguinte a Carneiro, a era de Peixes, os dois peixes..."**

**A Minha Resposta:** Devido "à precessão dos equinócios", os astrólogos Tropicais ou Ocidentais são imprecisos no que se refere aos ciclos periódicos do Zodíaco. Por exemplo, se regressarmos a P20 supra (ver o argumento do filme), o Zeitgeist produz a seguinte afirmação:

"De 4300 AC a 2150 AC, verificou-se a Idade de Taurus, o Touro. De 2150 AC a 1 DC, aconteceu a Idade de Áries, o Carneiro, e de 1 DC a 2150 DC estamos na Idade de Peixes, a idade na qual estamos ainda neste dia, e em aproximadamente 2150, entraremos na nova Idade do Aquário."

Contudo, a precessão dos equinócios ou 'oscilação' da Terra no seu eixo desloca automaticamente as idades Zodiacais na proporção de 1 grau por cada 71.5 anos (50 segundos de arco por ano). Se começarmos o relógio do Zeitgeist na marca dos 4300 anos antes de Cristo, adicionando 2.008 anos, ficamos com um total de 6.308 anos / 71.5 anos, para uma volta total de aproximadamente 88.22 graus no Zodíaco. Por outras palavras, em segmentos de trinta graus, é-nos retirado quase três idades de onde os astrólogos Ocidentais nos fariam crer estar. Obviamente, considerando este cenário, Jesus não nos trouxe à idade de Peixes (Fonte V).

**P22, S2: "Mal eles sabem o que ele [o símbolo Cristão do peixe] realmente significa. É um simbolismo astrológico Pagão do Reino do Sol durante a idade de Peixes."**

**A Minha Resposta:** Sim, o símbolo Cristão de peixe é retirado do paganismo – propositadamente – um artifício comum que levantaria menos suspeita do que a Cruz (ver P19 supra). O símbolo de peixe podia ser usado para marcar lugares de encontro, enterros e

quando os Cristãos encontraram outros Cristãos em público. Não é exactamente o que um símbolo é, mas sim o que ele representa e como é usado. O que um símbolo significa para alguém não reflecte necessariamente o que ele significa para outrém, particularmente ao longo do tempo. Por exemplo, talvez para o Zeitgeist o símbolo de peixe represente o “Reino [finito] do Sol”. Para outros, ele pode representar o Filho de todos os Reinos – finitos e infinitos.

**P22, S3: “também a assumida data de nascimento de Jesus é essencialmente o início desta idade.”**

**A Minha Resposta:** Primeiro, a proclamação de que a data de nascimento de Jesus teve algo a ver com "o início desta idade" está mal concebida (ver P22, S1 supra). Segundo, o Zeitgeist finalmente admite que a data de nascimento de Jesus é "assumida". Por outras palavras, 25 de Dezembro não é uma data esculpida na pedra como foi "assumido" desde o início pelo(s) autor (es) do Zeitgeist. Tentei sustentar este ponto em várias ocasiões. Terceiro, no assunto "de idades", esta matéria já foi anteriormente analisada. Não há nenhuma correlação entre idades Zodiacais e a Bíblia (ver P20 – P22 supra).

**P23: “Em Lucas 22:10 quando é perguntado a Jesus pelos seus discípulos onde será a Páscoa seguinte, Jesus respondeu: 'tomai atenção quando entrardes na cidade, lá um homem irá ao vosso encontro carregando um cântaro de água ... sigam-no para a casa onde ele entrar'.”**

**A Minha Resposta:** Primeiro, ler o parágrafo inteiro no argumento do Zeitgeist. O supra mencionado excerto representa só uma porção deste. Segundo, nunca antes o Zeitgeist demonstrou tão aberta e flagrantemente tamanha ignorância bíblica. Lucas 22:10 lida com a preparação para a Páscoa Judaica. A “Páscoa” foi o nome dado à mais crítica das três grandes festividades históricas anuais dos Judeus. Foi mantido em memória à passagem do Senhor pelas casas dos israelitas (Êxodo 12:13). Foi incorporado na lei cerimonial (Levítico 23:4-8) – muito antes de Jesus de Nazaré entrar em cena. A palavra “Páscoa” também permaneceu para identificar a morte do Cordeiro na festividade – Jesus (Marcos 14:12-14; 1 Coríntios 5:7). Cristo estava simplesmente a instruir os Seus discípulos quanto a onde organizar esta festividade, dando-lhes um sinal que nenhum estranho pudesse reconhecer, uma vez que as autoridades já O procuravam para eliminar. Assim a “Páscoa”, ou o “homem que carrega um cântaro de água”, não têm absolutamente nada a ver com a passagem "das idades" Zodiacais – como anteriormente tinha demonstrado (ver P20 – P22 supra).

**P24: “Agora, já todos ouvimos falar sobre o fim dos tempos e o fim do mundo... A fonte principal desta ideia vem de Mateus 28:20, onde Jesus diz: ‘estarei com vocês até ao fim do mundo’. Contudo, na versão King James, 'mundo' é uma tradução incorrecta, entre muitas outras traduções incorrectas. A palavra efectivamente usada é ‘aeon’, que significa 'idade'.”**

**A Minha Resposta:** O que cada um semeia, cada um colhe. Se semearmos ou estudarmos em solo superficial, os nossos resultados serão superficiais também. “Quando alguém ouvir a palavra do reino, e a não compreender, então virá o maligno, e apoderar-se-á do que foi semeado...” (Mateus 13:19). Aqui reside o problema com o Zeitgeist. A sua investigação é embebida da ignorância bíblica e académica, múltiplos patamares de analogia e rumor, e derradeira motivação enviesada.

Quanto ao termo "mundo" em Mateus 28:20, o seguinte pode ser notado:

Concordância Exaustiva da Bíblia Strong:

# 165 da Strong: “aion; do mesmo como em 104; prop. Uma idade; por extensão Perpetuidade (também passado); por implicação ‘O mundo’; específico (Judaico) um período Messiânico (presente ou futuro): --idade, percurso, eterno, (para) sempre (todo o -), [n-] eternidade, (início de, enquanto a) início do mundo, sem fim).”

# 104 da Strong: “aei; de um Nome Primitivo obs. (aparentemente com o significado de ‘duração continuada’); ‘sempre’, regularmente por qualificação; Honestamente por implicação:--perpetuamente, sempre.”

Não é assim tão difícil perceber, com um pouco de estudo, que o termo “mundo” ou “o fim” dele significa perpetuamente, sempre, eternamente – e não uma “idade” como o Zeitgeist sugere.

**P25, S1: “Além do mais, o personagem de Jesus, um híbrido literário e astrológico, é mais explicitamente um plágio do deus-sol egípcio Hourus.”**

**A Minha Resposta:** Primeiro, o Zeitgeist afirmou previamente que Hórus foi: a) o sol; b) o movimento do sol; c) o messias solar e d) a "luz". Agora, eles finalmente admitem que Hórus não era nada mais do que um deus-sol (Ver P4, S3 – P6). Segundo, o Zeitgeist não forneceu uma única prova de que Jesus é “um híbrido literário e astrológico” ou “um plágio do deus-sol egípcio Hórus”. Tudo o que alguém tem de fazer para validar esta reivindicação é rever cuidadosamente os factos dentro desta análise.

**P25, S2: “Por exemplo, inscritas há cerca de 3500 anos, nas paredes do Templo de Luxor no Egito existem imagens da anunciação, da concepção imaculada, do nascimento, e da adoração de Hórus. As imagens começam com Thaw a anunciar à virgem Ísis que ela irá conceber Hórus, seguido de Nef, o espírito santo, a engravidar a virgem, e depois o nascimento virginal e a adoração.”**

**A Minha Resposta:** A inscrição a que o Zeitgeist se refere respeita ao faraó da 18ª Dinastia do Egito, Amenhotep III. A imagem do templo em Luxor é descrita por Egiptólogos como a ligação de Amenhotep relacionando-se com o seu cônjuge, a Grande Esposa Real, Tiye. Segundo estes peritos egípcios, a pedra regista o nascimento de Rá – uma tardia interpretação ou assimilação mitológica de Hórus. Supostamente, Thoth (o deus do coração e a língua de Rá) informa Neith (a deusa das águas primordiais) que ela em breve dará à luz o imaginário Hórus. Não há nenhuma "anunciação" como a conhecemos. Não há nenhum “espírito santo”. Não há nenhuma "virgem Ísis" ou “Concepção Imaculada” (ver P5, S1 (Part 2), supra). E se lá houver algum tipo de "adoração", ele é proveniente de divindades inventadas naquele tempo ou de gente que agora deseja substituir Cristo pelo ‘eu’ divinificado (Fonte W).

**P25, S3: “Esta é exactamente a história da concepção miraculosa de Jesus. De facto, as semelhanças literárias entre Jesus e a religião egípcia são espantosas.”**

**A Minha Resposta:** Depois de P25, S2 supra, é necessária resposta mais esclarecedora? Como são absurdas as reivindicações do Zeitgeist! (Por favor ver infra para mais detalhes).

**P26: “E o plágio é contínuo. A história de Noé e a Arca de Noé é tirada directamente da tradição. O conceito de um Dilúvio é ubíquo por todo o mundo antigo, com mais de 200 reivindicações diferentes citadas em períodos e tempos diferentes. Contudo, não é necessário procurar por uma fonte pré-cristã anterior à Epopeia de Gilgamesh, escrita**

em 2600 AC”.

**A Minha Resposta:** É verdade. O número de 'outros' registos de Dilúvios é espantoso. Alguns dizem mais de duzentos, outros seiscentos. Histórias do dilúvio cobrem o globo. E todas essas histórias ocorreram num momento em que a viagem intercontinental era considerada impossível. Aparentemente, isto acrescentaria crédito ao relato bíblico – não o contrário. É inconcebível como alguém pode recusar olhar pelo telescópio de Galileu (uma vez mais) e considerarem-se como a elite, a comunidade intelectual. E isto é o que fazemos quando recusamos olhar para a evidência empírica (observada, geológica). Isto é particularmente confuso quando alguém, a qualquer momento, consegue encontrar indícios da inundaçã – em qualquer vale ou em qualquer cume. Mas a questão permanece: “De onde se originou esta história?”. O Zeitgeist far-nos-ia acreditar que a história bíblica é um duplicado de uma história babilónica sedimentada no tempo denominada Epopeia de Gilgamesh. Mas será a alegaçã do Zeitgeist verdadeira?

De particular importância aqui é a posição sobre a história cronológica da Bíblia. Uma das mais populares perspectivas cristãs envolve o registo genealógico bíblico calculado pelos Arcebispos Ussher e Lightfoot.

De acordo com Ussher e Lightfoot, o dilúvio teria ocorrido por volta de 2348 AC (Fonte X (1)).

Recentes dados seculares científicos (geológicos) sustentam a existência de uma grande inundaçã há cerca de 7500 anos atrás ou 5400 AC (Fonte X (2)).

A diferença parece inexplicável. Mas talvez não seja.

Dois pontos são dignos de mençã. Primeiro, ninguém tem de subscrever um universo de seis mil anos para acreditar no Deus da Bíblia. A perspectiva cosmológica de alguém não tem nada a ver com o tema central da Bíblia: a salvaçã e a redençã do homem. Segundo, a Bíblia não fixa qualquer idade numérica para o universo: esse é um conceito introduzido pelo homem moderno.

Ussher e Lightfoot e uma "Cosmologia Terra Jovem": Esta visã advoga que a Criaçã de Deus ocorreu há aproximadamente 6000 anos atrás e incluiu a criaçã quer dos Céus quer da Terra (de todo o Cosmos). Esta perspectiva é ensinada e, portanto, acreditada como implícita nas Escrituras. Contudo, a idade do cosmos não está directamente representada no seio da Bíblia. Só pode ser deduzida através de uma série de pressupostos. Os pressupostos necessários para acreditar numa "Cosmologia Terra Jovem" são os seguintes: (1) Que a cronologia da Bíblia (inicialmente postulada em 1642 e, mais tarde, em 1650) dos bispos Ussher e Lightfoot está correcta; (2) Que o registo genealógico empregue por Ussher e Lightfoot estava completo e foi traduzido e analisado sem erro; (3) Que Ussher e Lightfoot tinham uma compreensã clara da aplicaçã em hebraico, das expressões "ab" e "ben" (geralmente traduzido como "pai" e "filho" mas que também podem significar "avô", "bisavô", "trisavô", ou "neto", "bisneto", "trineto", etc.) e, (4) Que as descobertas de Ussher e Lightfoot devem ser interpretadas como verdades bíblicas. Assim, o dilúvio e a cronologia bíblica como nós a compreendemos podem estar desajustados por um grande número de anos. Mas essa possibilidade não significa que não existe na ciência potencial de erro relativo a cronogramas.

Ciência e uma "Cosmologia Terra Antiga": Esta perspectiva é tipicamente assumida pela ciência e, portanto, também pelo mundo secularizado. A ciência baseia as suas alegaçõs nos feitos presumivelmente irrepreensíveis da investigaçã científica. No entanto, a ciência também

não está isenta de falhas. Qualquer cientista razoável irá reconhecer este facto. A ciência informa-nos que a terra tem 4,5 mil milhões de anos. Esta idade é supostamente verificável através de técnicas de medida como a datação por radiocarbono. Mas os cientistas estão conscientes de que a semi-vida do C-14 (5700 anos) quantifica material com base em carbono até aproximadamente 3692 AC. Eles estão também conscientes que datas anteriores devem ser obtidas em unísono com uma estratigrafia geológica preconcebida e evolutiva, que só existe em livros seculares cuidadosamente editados e que nunca são assim tão óbvias quando se trabalha no suporte geológico real. Deste modo, a presente tautologia da ciência relativamente à idade e datação torna-se um dilema para o homem, porque a teoria, mais uma vez, tem sido transmitida como facto. A ciência também postula um universo que tem uns 14-18 mil milhões de anos. Ela quantifica estas estimativas através da extrapolação dos resultados medidos da radiação de fundo, etc., de volta para um ponto teórico projectado no tempo. Mas a premissa em que essas teorias são construídas pode estar errada – pelo menos até certo ponto. Recentes observações astronómicas atestam um universo que é tudo menos homogéneo e isotrópico como os defensores do Big Bang especulam. A ciência também está consciente de que não podemos medir com precisão fenómenos astronómicos para além de uma centena ou milhar de anos-luz da Terra, sem uma série de pressupostos adicionados à equação. Algo para além disso não é mais do que uma dedução estimada (calculada) da distância ou idade.

Por isso, em quem ou em quê devemos nós acreditar no respeitante à datação do dilúvio?

Nós acreditamos que nenhum homem tem todas as respostas – nem o teólogo, nem o cientista, nem este autor.

### **A Visão Míope do Homem:**

#### **Teologia:**

A teologia tenta providenciar aos santos um "fogo purificador" através do qual cerceiam a nossa inclinação para o pecado. Mas ela alimenta estes fogos sempre que se verifica um abuso de poder ao nível clerical ou de autoridade. No processo, as almas são inadvertidamente mal orientadas quando tiramos fora de contexto tudo o que Deus tem a intenção de vedar. Isto é particularmente verdade na cosmologia. Enquanto uma cosmologia Terra Jovem pode parecer facilmente deduzida da Escritura, ela não é mais do que uma possibilidade "presumida" – uma entre muitas. Não é um facto. Não está especificado dentro da Bíblia. Temos ou de acreditar na interpretação genealógica de Ussher e Lightfoot, reconhecendo que existem potenciais lacunas dentro do registo, ou antecipar o desconhecido. Com isto não estamos a sugerir que uma infinidade de teorias entre ciência e teologia não podem ser aplicáveis, porque elas podem e são-no – mas permanecem isso mesmo – teorias. Contudo, algo mais sério está em jogo relativamente a este debate. Uns poucos assim chamados "eruditos bíblicos" têm associado uma cosmologia Terra Jovem a posições soteriológicas. Esta visão limitada provoca tropeço às pessoas (Romanos 14:5). Esta postura é ridícula, à luz do facto de que nenhuma das perspectivas cosmológicas pode ser excluída, pelo menos, até certo ponto. Mas a ciência também não está isenta de erros potenciais.

#### **Ciência:**

Não é esta a mesma comunidade que prova e depois desaprova descobertas, após estudo subsequente, vezes sem conta? Não é este o mesmo grupo que nos trouxe à fraude de Piltdown, à defunta evolução Lamarquista, à transferência química de memória, a um cosmos

no estado estacionário, fusão fria, geocentricidade aristotélica, a um universo mecanicista, geração espontânea, pangénese, à não detecção de radiação gravitacional, evolução não observada e evolução estelar não observada, e espaço etéreo? Não são estes os mesmos sacerdotes da cultura popular que aprovaram o uso do Agente Laranja, talidomida, DDT, DES e uma série de outros medicamentos legais, mas letais? Deus, (por isto) eu não rezo. Mas, em ambos os casos, pode ser realmente verdade, pelo menos em parte.

Portanto, em que devemos nós acreditar no que respeita a Noé, à Arca, e ao dilúvio? Tal como a maioria dos argumentos, talvez a resposta resida algures no meio.

Face ao exposto, é mais do que plausível que o autor da Epopeia de Gilgamesh, Shin-Eqi-uninni, tendo escrito o relato algures entre 2700 e 1400 AC, plagiou o Grande Dilúvio dos escritos de Moisés. Período: final desta batalha épica (Fonte X (3)).

### **P27, P28 e P29 (Part 1): Relativamente a Moisés. Por favor, ler o argumento do Zeitgeist para mais detalhes.**

**A Minha Resposta:** Mais uma vez, o Zeitgeist produz a afirmação de que a Bíblia é um mero reflexo de crenças religiosas ou documentos anteriores. No entanto, quer estejamos a discutir o nascimento de Moisés vs. nascimento de Sargão ou os Dez Mandamentos, a resposta sobre o que veio em primeiro é a mesma que em P26, supra. Tem tudo a ver com o cronograma: a história cronológica dos registos. Agora, talvez seja compreensível porque foi gasto tanto paleio em P26. O paleio às vezes é necessário, a fim de marcar uma posição. Mas aqui vamos nós de novo, discutir o que veio em primeiro.

Infância de Moisés vs. Infância de Sargão / Encontrado em Papiros:

**Nota:** A primeira aparição de um documento dentro do registo arqueológico pode ou não correlacionar-se com a data real do evento relatado. Deste modo, a autoria, se registada, também é brevemente apresentada. Por favor, manter isto em mente ao examinar o seguinte:

#### **Visão Cristã Conservadora relativa a Moisés:**

Viveu: Em cerca de 1500 AC.

Primeiro Relato Escrito: Não antes de 850 AC.

(Fonte Y (1).)

#### **Visão Secular sobre Sargão da Acádia:**

Viveu: Em 2300 AC.

Primeiro Relato Escrito: 7º século AC.

(Fonte Y (2).)

**Conclusão:** Se olharmos aos relatos escritos, a história de Moisés parece ter chegado primeiro. Se considerarmos que a cronologia de Ussher e Lightfoot pode ter ficado aquém do real, torna-se ainda mais evidente que o registo de Moisés antecede o de Sargão.

#### **Os Dez Mandamentos:**

**Nota:** A primeira aparição de um documento dentro do registo arqueológico pode ou não correlacionar-se com a data real do evento relatado. Deste modo, a autoria, se registada,

também é brevemente apresentada. Por favor, manter isto em mente ao examinar o seguinte:

### **Visão Cristã Conservadora relativa a Moisés e aos Dez Mandamentos:**

Viveu: Em cerca de 1500 AC.

Primeiro Relato Escrito: Não antes de 850 AC.

(Fonte Y (1).)

### **Visão Secular do Livro dos Mortos (Feitiço 125):**

Viveu: Não aplicável, são vários os autores e editores ao longo do tempo.

Primeiro Relato Escrito: Algures entre 1550 e 950 AC.

(Ver Pritchard, Ancient Near Eastern Texts.)

**Conclusão:** Dada a incerteza quanto ao momento em que foi escrito o Feitiço 125, é possível aos Dez Mandamentos rivalizarem com o Feitiço 125 em história cronológica. Se considerarmos a possibilidade de miopia bíblica cronológica, então é defensável que o primeiro precede o último. Também é interessante notar que nenhum indivíduo pode ser citado como o autor do Livro dos Mortos, no qual se encontra o Feitiço 125. Na realidade, o livro foi alterado centenas, se não milhares, de vezes por vários clérigos e Realeza egípcios. Isso agrava a necessidade do esforço para a datação do Feitiço. Contudo, talvez seja mais importante entender a diferença entre os dois escritos. Os Dez Mandamentos representam um imperativo conciso, positivo, de Deus para o homem e para a vida que ele deve conduzir. O Feitiço 125 representa uma inenarrável confusão de protestos negativos dos já mortos (ritos mortuários e funerários).

**P29 (Part 2): "Na verdade, a religião egípcia é provavelmente a principal base fundamental para a teologia Judaico-Cristã. Baptismo, vida do além, julgamento final, nascimento virginal, e ressurreição, crucificação, a arca da aliança, circuncisão, salvadores, sagrada comunhão, o grande dilúvio, Páscoa, Natal, Passagem, e muitos, muitos mais, são todos atributos de ideias egípcias, muito anteriores ao Cristianismo e Judaísmo".**

**A Minha Resposta:** Outra triste condenação contra o Zeitgeist. Agora eles pretendem exagerar e, portanto, defraudar a religião do antigo Egito, atribuindo ritos e passagens não exclusivas do Antigo Império. Quão infame. Vou abordar os pontos apenas de forma breve. Alguns dos argumentos já foram tratados.

**Baptismo:** O elemento de água há muito tem sido usado para limpar ou purificar – particularmente o físico. As conotações espirituais podem ser primeiramente vistas nos e com os Judeus. De modo algum pode o baptismo egípcio ser encarado como o seu antecessor. Novamente, a referência do Zeitgeist remonta a Hórus e Anup – um evento não baptismal (ver P5, S3 (Part 2) supra.)

**Vida do Além:** O principal objectivo da preparação mortuária do Egito era garantir ao defunto uma passagem sucedida para o próximo mundo. Esse "próximo mundo" poderia incluir: 1) a área ao redor do túmulo, 2), entre as estrelas, 3) nas regiões celestiais com o deus-sol ou 4), no próprio Submundo. Vejo pouca semelhança aqui. No entanto, uma coisa pode dizer-se com certeza: o conceito de uma vida do além tem-nos sempre acompanhado. Ele antecede os egípcios e estará por cá muito depois de partirmos. (Fonte Z (1).)

**Juízo Final:** De acordo com o Antigo Império do Egípto, quando as pessoas "comuns" morriam eram levadas para o submundo. Elas eram levadas ao Tribunal de Osíris onde o seu coração era pesado. Todavia, o Juízo Final veio de Hórus, obviamente um deus diferente de Osíris, apesar dos esforços do Zeitgeist para manipular no sentido contrário. De qualquer forma, se um determinado indivíduo possuísse dinheiro suficiente, independentemente das acções, ele poderia comprar o seu caminho de passagem pelo processo de julgamento para o local de descanso eterno, "Campo de Papiros". (Fonte Z (1)). Se esta pessoa pertencesse à "Realeza", era-lhe sempre concedida passagem. Por outras palavras, não era necessário julgamento para a Realeza – pois eles eram humanos, mas também eram deuses ("d" minúsculo). Isso não tem nada com a história bíblica, a qual lida com o Juízo do Grande Trono Branco.

**Nascimento Virginal:** Tratado anteriormente. Não há nenhum "Nascimento Virginal" nas historietas do Zeitgeist ou nos anais do mito egípcio (Ver P5, S1 (Part 2) supra).

**Ressurreição:** Se o renascimento e re-emergência de deuses mitológicos e plantas do Egípto estão na base da Ressurreição de Cristo, então o Zeitgeist falhou de novo. O renascimento e re-emergência de plantas e mito não se relacionam com a observada Ressurreição de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. (Ver P5, S6 supra.)

**Crucificação:** Não existe suporte arqueológico para a crucificação no Egípto. A empalação com uma estaca na zona lombar não é o mesmo que a forma de crucificação invocada pelos Romanos. (Fonte Z (2).)

**A Arca da Aliança:** Uma arca é um baú, mala, contentor ou caixa – pura e simples. Mas este ponto revela tudo o que é curioso acerca da interpretação dos artefactos. Por exemplo, no caso em apreço, encontramos uma caixa. E, talvez porque a caixa contém nela o que nós percebemos ser inscrições importantes, nós damos-lhe o nome de "arca". Fazemo-lo porque não temos outro nome de associação para ela que não seja o que já sabemos, neste caso, a partir da Bíblia Sagrada (porque chamando-lhe simplesmente uma caixa não fará efeito para alguns). E tal é o método utilizado na interpretação e designação de coisas desconhecidas. Só podemos relacioná-la a algo com que já estamos familiarizados. Portanto, uma caixa, utilizada na Festividade de Apet durante o reinado de Tutankhamon, torna-se uma arca. E, uma vez que existiam as chamadas inscrições sagradas na mala, nós agora referimo-nos a ela como uma "arca da aliança" – pelo menos alguns de nós fazem-no: aqueles que pretendem estabelecer paralelos entre o Egípto e a Fé Judaico-Cristã. Mas as pessoas que possuem algum conhecimento bíblico compreendem que a Arca da Aliança de Deus não era uma simples caixa com inscrições. Não existe nenhuma base académica para o Zeitgeist ligar a Arca da Aliança bíblica de volta ao Egípto. Todas as pessoas têm caixas – indivíduos e comunidades. (Fonte Z (3).)

**Circuncisão:** Uma prática que parece preceder o Judaísmo e o Antigo Egípto. Mas a Bíblia não faz qualquer alegação de que a circuncisão seja invenção exclusiva dos Judeus. A circuncisão entre os hebreus foi utilizada como um dos sinais nacionais de consagração à Aliança, distinguindo-os da maioria dos povos à sua volta. (Fonte Z (4).)

**Salvadores:** Anteriormente analisado. (Ver P4, S4 e P11 (Part 1) supra).

**Sagrada Comunhão:** Fora das referências bibliográficas sobre este tópico, não citadas pelo Zeitgeist, nenhuma outra evidência pode ser encontrada consubstanciando a sagrada comunhão no folclore egípcio. Na verdade, o acto de Comunhão só pode ser academicamente atribuído a Cristo. As reivindicações não citadas do Zeitgeist são terrivelmente imprecisas. De facto, a declamação questionável do Zeitgeist discute apenas a oferta de sangue para

excitação sexual masculina. (Ver referência bibliográfica do Zeitgeist).

**O Grande Dilúvio:** Já discutido. (Ver supra P26).

**Páscoa:** O termo "Páscoa" [Easter] na tradução King James é a reprodução do equivalente grego para Passagem, "pascha". Enquanto a Versão King James faz uso da palavra "Páscoa" [Easter], versões mais recentes têm corrigido por causa de problemas de transliteração. Por outras palavras, a "Páscoa" [Easter], correctamente traduzida e observada tanto por Jesus como Seus seguidores, celebra a Passagem, o sangue do Cordeiro, morto para a salvação e redenção do homem. Embora a celebração do Novo Testamento "pascha" corresponda à da Páscoa Judaica, infelizmente, o nome de "Páscoa" [Easter] em si, mal aplicado como por anteriores tradutores do Novo Testamento, deriva da primitiva deusa Babilónica Ishtar. Sendo deusa da fertilidade, não é difícil imaginar de onde as práticas de coelhinhos e ovos da Páscoa [Easter] / Ishtar provêm – da Babilónia, não do Egito. Mas, como já foi lembrada e actualmente celebrada, a Páscoa [Easter] não tem nada a ver com a REAL observância Judaica ou Cristã da Passagem – absolutamente nada. (Fonte Z (5).)

**Natal:** Resumindo, discutido anteriormente. (Ver P5, S1 (Part 1) supra.)

**Passagem:** A única coisa que Passagem partilha com o Egito é o Êxodo a partir do mesmo.

**P30: "Justino Mártir, um dos primeiros historiadores e defensores cristãos, escreveu: "Quando nos dizem que ele, Jesus Cristo, nosso mestre, foi produzido sem união sexual, foi crucificado e morreu, e ressuscitou, e ascendeu ao Céu, nós não propomos nada diferente daquilo que vocês acreditam em relação àqueles que vocês estimam como Filhos de Júpiter". Num outro escrito, Justino Mártir disse: "Ele nasceu de uma virgem, aceitem isto como algo em comum com o que vocês acreditam de Perseus". É óbvio que Justino e outros primeiros Cristãos sabiam como o Cristianismo era semelhante às religiões Pagãs. Contudo, Justino tinha uma solução. Segundo ele, o Diabo era o responsável. O Diabo tinha o dom da previsão para vir antes de Cristo, e de criar essas características no mundo Pagão."**

**A Minha Resposta:** Primeiro, quanto às citações de Justino (supra), estas são parte de uma série de escritos, que remonta a cerca de 156 DC. O mundo em redor dos Cristãos estava completamente inundado no Paganismo. Se alguma vez alguém foi realmente "escolhido" para levar o Evangelho a este mundo de mitos e lendas, seguramente foi Justino Mártir. Justino era um pagão convertido num mundo mitológico e pagão. Ele deve ter-se sentido perfeitamente em casa. Ele sabia como conversar com mentalidades e comunidades semelhantes através da afinidade. Isso foi igualmente verdade com o apóstolo Paulo, entre os filósofos atenienses no Areópago (Actos 17:16-23). Esta mesma forma de testemunhar foi e é presentemente aplicada pela Igreja Católica Romana e pela comunidade evangelística como um todo (Ver também P12, Part 1 supra). Segundo, como mencionado anteriormente, "Se existe uma afinidade entre conceitos de Deus pré-Cristãos e Cristãos, então isso poderia resultar das limitações do homem para pensar e falar do metafísico. Existem tantas maneiras em como definir o físico, bem menos para comparar o desconhecido. É a natureza pecadora do homem e a consequente mortalidade que instiga perguntas sobre Deus, vida, morte, e a possibilidade de uma vida após a morte – e inclusivamente sobre um julgamento. É a maneira como fomos concebidos por Deus, como deveria ser (Romanos 1)". O desejo do homem de compreender a metafísica sempre foi assim. Irá manter-se desta forma para todo o sempre. Terceiro, Justino Mártir era um ser humano, não inspirado pelo Espírito Santo como autor canónico (2 Pedro 1:20-21; 1 Tessalonicenses 1:5). Por outras palavras, a apologia de Justino Mártir não estava

isenta de erros. Assim, é igualmente provável que também não alguns dos seus métodos evangelísticos. Mas dentro dos anais da Cristandade, ele permanece um exemplo para todos. Ele tentou. Provavelmente fez o seu melhor. E isso é tudo o que o Senhor espera. Quarto, alguém que não acredita no Deus da Bíblia seguramente não vai acreditar no diabo. Portanto, não há aqui grande surpresa; contudo: Quinto, na reivindicação supra, o Zeitgeist ridiculariza e, portanto, rejeita o conceito bíblico de um diabo, bem como a transposição ou previsão de eventos e personagens. Em P31 infra, eles utilizam essa mesma premissa negativa, mas na tentativa de desenvolver uma conclusão positiva. Não se pode usar uma premissa negativa para se obter um resultado positivo. Isto é enveredar pela falácia lógica do "Silogismo Clássico". Suponho, contudo, que tudo o que for conveniente é necessariamente conveniente – pelo menos naquele momento.

**P31: Por favor, ler o argumento do Zeitgeist para mais detalhes.**

**A Minha Resposta:** Ver P30, "Quinto" supra.

**P32: "Além disso, existe alguma evidência histórica não Bíblica de qualquer pessoa, vivendo com o nome Jesus, o Filho de Maria, o qual viajou por ali com 12 seguidores, curando pessoas e coisas do gênero? Existem numerosos historiadores que viveram ao redor do Mediterrâneo, quer durante quer logo após a presumida vida de Jesus. Quantos historiadores documentam este personagem? Nem um. No entanto, para ser justo, isso não significa que os defensores dum Jesus Histórico não tenham reclamado o contrário. Quatro historiadores são normalmente referenciados para fundamentar a existência de Jesus. Plínio o Jovem, Suetônio, e Tácito são os três primeiros. Cada um dos seus registos consiste em apenas algumas frases na melhor das hipóteses, e referem-se apenas ao Christus ou Cristo, que na verdade não é nome, mas um título. Significa "o Ungido". A quarta fonte é Josefo e essa fonte foi provada ser uma fraude de centenas de anos. Tristemente, ainda é apresentada como verdade".**

**A Minha Resposta:** Primeiro, há uma infinidade de autores que têm abordado este assunto muito melhor do que eu, tendo em consideração o tempo e espaço. Para mais informações sobre este assunto, por favor, escreva "Historicidade de Jesus" ["Historicity of Jesus"] em qualquer motor de busca. Segundo, no que respeita a quantos historiadores poderão ter escrito sobre Jesus, quem sabe? Nem todos os arquivos foram descobertos ainda. Mas considerando o que nós sabemos:

Manuscritos Existentes Relativamente à Historicidade de Jesus (Nem tudo incluído):

- Primeiros Pastores da Igreja: Clemente, Inácio, Policarpo, Ireneu, Mártir, Orígenes, e outros.
- Apócrifos do Novo Testamento: Alguns 12 autores e suas obras.
- Autores Gnósticos: Centenas de obras (por exemplo, Evangelho da Verdade, Tratado Sobre a Ressurreição e, Apocryphon de João), e outros.
- Pergaminhos do Mar Morto (por exemplo, Pergaminho do Messias Crucificado, Pergaminho do Filho de Deus, Pergaminho 4Q246, Pergaminho Cave 7, Pergaminho 7Q5).
- O Alcorão (Toda a população muçulmana).
- Mais de 5.000 Manuscritos Gregos (Ver P33 infra).
- Historiadores Greco-Romanos ou Judeus: Josefo, Plínio o Jovem, Tácito, Suetônio, Talos, Luciano, Celso, Phlegon, Philo, Porfírio, o Babilônio Judeu Talmude, o Didaque, a carta de Mara Bar-Serapion, e outros.
- Outros(s): Tertuliano, Crisóstomo, Atanásio, Taciano, Atenágoras, Hermias, Aristion, João o Ancião, o Pastor de Hermas, Antão o Grande, Pacómio, Efrém, João de Damasco, e as

Catacumbas romanas (bem mais de 1 milhão de sepulturas com insígnias Cristãs), e outros. Terceiro, o Zeitgeist levaria os espectadores a acreditar que os Cristãos citam apenas quatro fontes. Isto, simplesmente, não é verdade. Ver os dados supra. Quarto, quando o Zeitgeist admite que três registros contêm "Apenas algumas frases na melhor das hipóteses, e referem-se apenas ao Christus ou Cristo ", o Zeitgeist basicamente refuta a sua própria premissa de que nenhum, "Nem um" historiador alguma vez escreveu sobre Cristo. Por isto, nenhuma citações históricas são realmente necessárias. Quinto, o Zeitgeist alega que um excerto de Josefo foi fraudulentamente mal citado, e durante centenas de anos. Esta afirmação não é verdadeira. Tudo o que alguém terá de fazer para explorar este facto é seguir as instruções sob o primeiro ponto supra.

**P33: "Qualquer um pensaria que um indivíduo que ressuscitou dos mortos e ascendeu ao Céu à vista de todos e realizou uma série de milagres a si atribuídos teria conseguido ficar para o registo histórico. Assim não aconteceu porque uma vez analisadas as evidências, existe uma muito forte probabilidade que a figura de Jesus nem sequer tenha existido".**

**A Minha Resposta:** Primeiro, nem "TODOS" testemunharam a ascensão de Cristo. Apenas um conjunto muito limitado, 'escolhido', de uns poucos testemunhou o evento (Actos 1:1-12 e Lucas 24:33-53). Segundo, nem "TODOS" observaram os milagres de Jesus. Somente os presentes foram bafejados com o sobrenatural. Terceiro, independentemente do que o Zeitgeist testifica na declaração supra, é óbvio que Jesus realmente entrou para o "registo histórico". Tudo o que há a fazer para validar esta alegação é rever os factos em P32 e P33. Quarto, dada "A Minha Resposta" em P32, supra, só falta mais uma coisa para contrariar o comentário do Zeitgeist quanto à historicidade de Jesus: As provas internas da Bíblia.

Recursos Internos do Novo Testamento a Documentar a Historicidade de Jesus:

Mateus, Marcos, Lucas, João, Paulo, Tiago, Pedro, o escritor de Hebreus, o escritor de Judas.

No Respeitante às "Críticas Literárias" e Novo Testamento:

Mais de 5000 manuscritos Gregos, no todo ou em parte, estabelecem o corpo do Novo Testamento. O Novo Testamento foi concluído em 95 DC, cerca de sessenta anos mais ou menos depois da morte de Jesus. Não existe uma única obra literária clássica no mundo que mantenha tantas cópias existentes tão intimamente transcritas a partir do original, tal como o faz o Novo Testamento. Isto, é óbvio, inclui esses notáveis autores e suas respectivas obras tais como: César, Tito Lívio, Platão, Tucídides, Heródoto, Horácio, Sófocles, Lucrecio, Catulo, Eurípedes, Demóstenes, Aristóteles, Aristófanes e Homero (Ilíada). (Ver McDowell New Evidence that Demands a Verdict.)

Regressando a P32 por um momento, o Zeitgeist pergunta uma questão muito importante: "Quantos historiadores documentam este personagem [Jesus]?" Na minha opinião, os suficientes para validar as reivindicações presentes. Rejeitar recursos simplesmente porque não se quer acreditar neles (sem evidências empíricas em contrário) é entrar na falácia lógica da genética.

Enquanto Diocleciano, Voltaire e outros prometeram o desaparecimento da Bíblia e da fé Judaico-Cristã, ela permanece como Yeshua Ha Mashiach teria dito: "O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar". (Mateus 24:35).

**P34: "A realidade é que Jesus era a Divindade Solar da seita Cristã Gnóstica, e como todos os outros deuses Pagãos, ele foi uma figura mítica. Foi a instituição política que pretendia "historiar" a figura de Jesus para controlo social. Por 325 DC em Roma, o imperador Constantino convocou o Concílio de Niceia. Foi durante esta reunião que as politicamente motivadas Doutrinas Cristãs foram estabelecidas e, assim, começou uma longa história de derramamento de sangue e fraude espiritual Cristãos. E, pelos 1600 anos seguintes, o Vaticano manteve um estrangulamento político por toda a Europa, o que levou a esse período tão animado denominado de "Idade das Trevas", juntamente com acontecimentos elucidativos como as Cruzadas e a Inquisição. "**

**(P35): "Cristianismo, juntamente com todos os outros sistemas de crença teísta, é a fraude da era. Ele serviu para separar as espécies do mundo natural, e de igual modo, uns dos outros. Sustenta a submissão cega à autoridade. Reduz a responsabilidade humana no sentido em que "Deus" controla tudo, e conseqüentemente crimes horríveis podem ser justificados em nome da Causa Divina. E, acima de tudo, concede poder àqueles que sabem a verdade, mas usam a verdade para manipular e controlar as sociedades. O mito religioso é o dispositivo criado mais poderoso de sempre, e serve de solo psicológico sobre o qual outros mitos podem prosperar".**

**A Minha Resposta:** Primeiro, tenho provas dadas na minha refutação de que Jesus não é "Divindade Solar " (ver P4, S4 e P3, S2). Segundo, "Gnósticos" ou Gnosticismo é representativo do oculto, não da matriz do Cristianismo. Deste modo, o uso pelo Zeitgeist da expressão "Cristão Gnóstico" é contraditória. Não se pode ser um Cristão e um seguidor do Gnosticismo ao mesmo tempo. Terceiro, Jesus não é uma "figura mítica" (ver P32 e P33, supra). Quarto, não foi a "instituição política" que exaltou Jesus Cristo, mas sim os Seus seguidores. Foi a "instituição política [e religiosa]" que O assassinou. Quinto, não foi Constantino que utilizou a doutrina Cristã para dominar um mundo selvagem, mas sim O Próprio Deus. Quem mais poderia promover "Vira a outra face?" – Certamente não o exército de Constantino. Sexto, não foi Constantino que "historiou" Cristo, mas sim os historiadores que O "historiaram" – muito antes de Constantino existir (ver P32 e P33). Sétimo, um dos principais propósitos do Concílio de Niceia foi o de acabar com os numerosos escritos heréticos que circulam por todo o mundo Romano (por exemplo, escritos Gnósticos). Isso deveria dar crédito à perspectiva de existirem naquela altura tantos escritos históricos sobre Cristo que um concílio teve de ser convocado a fim de lidar com eles. Oitavo, a política não era a motivação por trás do Concílio de Niceia mas sim a eclesiologia e a galopante heresia. Nono, se é verdade que dois errados juntos não fazem um certo, também o derramamento de sangue durante o reinado do "Vaticano" foi significativamente menor do que quando os ateus têm governado o mundo. Por exemplo, uma estimativa sugere que cerca de 16 milhões de pessoas perderam a vida devido a "professos Cristãos" (sublinho a palavra "professos"). Isto supostamente ocorreu durante mais de vinte séculos de história Cristã. Por seu turno, sob o ateísmo, em apenas um século, mais de 130 milhões de pessoas foram chacinados (ver Kennedy e Newcomb, What if Jesus Had Never Been Born?). Décimo, "fraude espiritual?" Um dos propósitos da Reforma foi ajudar a vergar este comportamento. A Igreja tinha ultrapassado os limites. Mas sempre que existam seres humanos envolvidos, apesar do seu "professo" credo (secular ou religioso), haverá sempre abuso.

**P35: "Cristianismo, juntamente com todos os outros sistemas de crença teísta, é a fraude da era. Ele serviu para separar as espécies do mundo natural, e de igual modo, umas das outras. Sustenta a submissão cega à autoridade. Reduz a responsabilidade humana no sentido em que "Deus" controla tudo, e conseqüentemente crimes horríveis podem ser justificados em nome da Causa Divina. E, acima de tudo, concede poder**

**àqueles que sabem a verdade, mas usam a verdade para manipular e controlar as sociedades. O mito religioso é o dispositivo criado mais poderoso de sempre, e serve de solo psicológico sobre o qual outros mitos podem prosperar".**

**A Minha Resposta:** Primeiro, se nós olharmos para o número de pessoas assassinadas sob o ateísmo (ver P34, "Nono" supra), creio que a maioria irá concordar que o Cristianismo e outros sistemas teístas não são "as fraudes da era". Se a maior parte dos sistemas teístas fazem alguma coisa, é um esforço de refrear a depravação no homem. Segundo, a religião não separa o homem do mundo natural, mas sim o homem faz isso a si próprio, se é que o faz. Terceiro, "submissão cega"? Se isto fosse verdade, haveria apenas uma Igreja Cristã ("I" maiúsculo). Quarto, "Reduz a responsabilidade humana no sentido de que "Deus" controla tudo, e consequentemente crimes horríveis podem ser justificados em nome da Causa Divina?" Vamos olhar para ateísmo, se queremos enveredar por este caminho de inconsciência. Quinto, no final, é Cristo ou o Cristianismo que concede poder às pessoas, nem são tanto os governos. Se isto não fosse verdade, não haveria América... pelo povo, para o povo.

## CONCLUSÃO

Se existem de todo analogias entre conceitos de Deus pré-Cristãos e Cristãos, é apenas por causa das limitações do homem na tentativa de explicar o que não se pode explicar – o desconhecido. Mas não existe comparação entre os inconstantes caprichos do mito e a realidade de Cristo. Estas diferenças são por demais evidentes na leitura dos diversos textos. É como assistir um cortejo de animações em mudança e de caricaturas amontoadas contra o único verdadeiro Deus da fé Judaico-Cristã, histórico, imutável, onisciente, onipotente e omnipresente. Depois da Bíblia ser lida e compreendida, é inconcebível como alguém jamais poderia equivaler a história de Cristo com o panteão em constante mudança de metáforas hieroglíficas Egípcias, Gregas ou Romanas. Mas não há nada de novo neste esforço para fazer descarrilar Cristo Ressuscitado e os Seus aderentes. Desde os inícios dos tempos a maioria dos homens tem acreditado em Deus (ou deus, ou um panteão de deuses), enquanto uma pequena minoria não tem. Não é diferente com Cristo e o Cristianismo. Durante dois mil anos uma boa parte do mundo tem acreditado em Cristo, tanto escolásticos como pessoas leigas também. Há uma pequena fracção da população que deseja e merece estar sem o Criador. Em termos simples, eles não querem uma autoridade. Eles desejam eles próprios serem Deus. Mas eles não podem ser. E eu sinto pena deles.

Ao discutir a necessidade de Deus, torna-se novamente bastante simples: 1) Navalha de Occam (por vezes soletrado "Navalha de Ockham") é o princípio que afirma: "Mantendo tudo o resto constante, a solução simples é a melhor". O princípio sugere que uma explicação de qualquer fenómeno deve fazer o mínimo de pressupostos quanto possível. Por outras palavras, quando ideias concorrentes são consideradas no seu conjunto, o princípio da "Navalha de Occam" exige a selecção da teoria com o menor número de pressupostos e entidades. É uma ideia originalmente postulada pelo frade Franciscano Inglês do século XIV, Guilherme de Ockham. No entanto, a sua força e veracidade permanecem ainda hoje connosco. É correntemente utilizada como uma máxima heurística que aconselha à economia, simplicidade e até a própria ciência. 2) Evolução vs. Criacionismo: Ou fomos criados ou evoluímos. Não existem outras opções. O problema com a evolução é que ela é um beco sem saída. A evolução apenas tenta abordar a origem das espécies – não a origem do cosmos. Por isso, a evolução deixa-nos ainda a perguntar a mais profunda questão: "Como é que a Terra, o Universo, chegou aqui até nós, por forma a que evoluíssemos – se realmente foi esse o mecanismo"? A evolução não tem resposta. A ciência postula o Big Bang como a resposta,

mas a mesma pergunta permanece: "A partir de quê ocorreu o Big Bang?" A criação é a única opção que responde à derradeira questão ao Criador não criado. E, como afirmou o Sr. Ockham, é muito mais razoável aceitar a menos complexa do que a opaca. 3) Anselmo da Cantuária uma vez raciocinou que não se pode conceber algo muito maior do que Deus; então Ele, Deus, deve existir. Pelo seu valor, aderi à hipótese de Anselmo. É do meu pensar que ninguém pode conceptualmente conceber verdadeiramente Deus a menos que Deus exista, pelo menos em parte. Pois nós não podemos conceber algo que não existe, pelo menos em parte. Se Deus existe em parte, então por definição literal, Ele deve necessariamente existir. 4) O Método Científico impõe que as conclusões sejam verificáveis, repetíveis e que as conclusões sejam acolhidas pela maioria dos seus pares. Por outras palavras, a ciência reprova resultados que não são suportados por evidência empírica. Por definição, isto significa que para a ciência sustentar algumas descobertas, elas devem ser verificáveis através da observação e/ou experiência. Esta é a definição de empírico. Cristo é a evidência empírica de Deus. Ele é verificável historicamente. Os seus actos foram replicáveis. A sua vida foi observada experimentalmente. Excluir aleatoriamente os escritos dos primeiros seguidores de Jesus como provas observáveis e verificáveis para a historicidade de Jesus é entrar na falácia lógica da genética. 5) Fé vs. Razão e Lógica: Razão Humana, lógica, filosofia e matemática são imperfeitas. Mas elas são a base da academia secular e do mundo em que vivemos – apesar de às vezes permanecermos justapostos. Fazemo-lo porque a aplicação destes sistemas pelos humanos não é à prova de erro. Eles são falíveis. Isto deixa-nos somente com a fé, a toda a hora, independentemente do empreendimento. Não podemos cruzar uma rua ou sentar numa cadeira sem fé. "Fé" pode ser a única coisa que "sabemos", tanto quanto esta declaração possa representar uma antítese. Nós, de facto, "SABEMOS" muito pouco. Mesmo a própria história pode estar contaminada. É opinião deste autor que o Zeitgeist se compromete a fazer exactamente isso: contaminar a história e, portanto, o homem moderno. Os autores do Zeitgeist ora excluem ora distorcem a maioria das principais obras históricas e académicas conhecidas pelo homem. A sua motivação parece clara: o relegar da maioria pela minoria. Este é o desejo dos poucos – a chamada comunidade intelectual – o corpo auto-eleito do divino que se considera Deus. O Zeitgeist é o "Novo Espírito Pós-moderno Prevalente". Este espírito parece estar a tomar conta de um país onde a ignorância é generalizada e por vezes um êxtase, à medida que alma inculta após alma inculta cai vítima a este "Novo homem por detrás da cortina". Nós estamos, como o próprio Cristo sabia tão prontamente, a ser conduzidos para o abate como cordeiros. E poucos, ao que parece, estão conscientes de que isto está a acontecer. Devemos estar a parecer como o judeu que chegou inicialmente aos campos de extermínio alemães durante a Segunda Guerra Mundial, reconhecendo a perda à medida que os encarava. É uma vergonha, e não tanto para a vítima como o é para o autor de tais crimes. 6) A Fé Judaico-Cristã é muito mais estável, credível e provável que qualquer outra religião no mundo. Os personagens não são construídos ou manipulados como nos desenhos animados. Eles não mudam no nome ou características. A história não é ficcionada, dramatizada ou actualizada a todo momento. Não é reescrita por causa de mudança ou deficiências em sociedades ou dirigentes. A sua consistência permanece a mesma. Não há deuses transitórios. As histórias não são ajustadas. Elas não são digeridas. O registo bíblico provou ter sido traduzido e transposto com grande cuidado. O Deus bíblico não contém um panteão de deuses para fazer o Seu trabalho. Existe apenas um único Deus observado, o Qual andou na terra com o homem. Ele não é um mero glifo ou imagem numa parede. Ele não é simplesmente um conceito, um mito, uma bela história ao deitar. Ele não é um mero ideal, ou pensamento ou replicação de qualquer fenómeno terrestre ou celestial. Ele foi e é realidade. Ele é o Criador. O seu nome é Jesus. 7) Blaise Pascal, o grande cientista e matemático francês e contemporâneo de Descartes, uma vez especulou: "O que é tu tens a perder se acreditares em Deus e Deus existir?" Dito de outra forma, ele também especulou: "O que é tu tens a perder se não acreditares em Deus e Deus existir?". Estas são as perguntas que todos nós devemos estar

dispostos a "especular". Talvez depois de tudo o que foi dito e feito, devêssemos tomar a liderança de tão grandes e notáveis homens como Ockham, Anselmo e Pascal. Pois eles parecem saber mais do que eu alguma vez possa imaginar.

Filho, como o meu último pensamento, não posso deixar de perguntar: Se o Zeitgeist está tão errado na parte 1 do filme, será possível que eles sejam igualmente enviesados nas Partes 2 e 3?

"Semper Fidelis"

Com Amor, teu Pai

P.S. Obrigado por me perguntares sobre a legitimidade deste filme. Creio que tens a tua resposta. Eu amo-te! Manda cumprimentos meus à tua família.

### **Material de Fontes:**

Fonte A (Zeitgeist's transcript and Bibliography): <http://www.zeitgeistmovie.com>

Fonte B (Defining the term Zeitgeist): <http://en.wikipedia.org/wiki/Zeitgeist>

Fonte C (Humanist Manifestos): <http://www.americanhumanist.org/about/manifesto1.html>

Fonte D (History of the Constellations):

[http://en.wikipedia.org/wiki/History\\_of\\_the\\_constellations](http://en.wikipedia.org/wiki/History_of_the_constellations)

Fonte E (The History of the Zodiac): <http://www.star-names.freemove.co.uk/zodiac.htm>

Fonte F (Horus): <http://en.wikipedia.org/wiki/Horus>

Fonte G (Christmas): <http://en.wikipedia.org/wiki/Christmas>

Fonte H(1) (Gerald Massey): [http://en.wikipedia.org/wiki/Gerald\\_Massey](http://en.wikipedia.org/wiki/Gerald_Massey)

Fonte H(2) (Gerald Massey):

[http://www.gerald-massey.org.uk/massey/cbiog\\_part\\_08.htm](http://www.gerald-massey.org.uk/massey/cbiog_part_08.htm)

Fonte H(3) (Neo-druidism): <http://en.wikipedia.org/wiki/Neo-druidism>

Fonte H(4) (Ancient Order of Druids): [http://en.wikipedia.org/wiki/Ancient\\_Order\\_of\\_Druids](http://en.wikipedia.org/wiki/Ancient_Order_of_Druids)

Fonte H(5) (The Saviors of the Ancient World):

<http://www.redmoonrising.com/Giza/DyingandRising3.htm>

Fonte I (Isis): <http://en.wikipedia.org/wiki/Isis>

Fonte J (Osiris): <http://en.wikipedia.org/wiki/Osiris>

Fonte K (Attis): <http://en.wikipedia.org/wiki/Attis>

Fonte L (Krishna): <http://en.wikipedia.org/wiki/Krishna>

Fonte M (Dionysus): <http://en.wikipedia.org/wiki/Dionysus>

Fonte N(1) (Mithra): <http://en.wikipedia.org/wiki/Mithra>

Fonte N(2) (Analysis and Response to Zeitgeist):

[http://www.alwaysbeready.com/index.php?option=com\\_content&task=view&id=124&Itemid=107](http://www.alwaysbeready.com/index.php?option=com_content&task=view&id=124&Itemid=107)

Fonte O(1) (Star of Bethlehem): <http://www.christiananswers.net/q-eden/edn-c018.html>

Fonte O(2) (Sirius): <http://en.wikipedia.org/wiki/Sirius>

Fonte P(1) (Virgo (constellation)): [http://en.wikipedia.org/wiki/Virgo\\_\(constellation\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Virgo_(constellation))

Fonte P(2) (Virgo (astrology)): [http://en.wikipedia.org/wiki/Virgo\\_\(astrology\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Virgo_(astrology))

Fonte Q (Crux): [http://www.dibonsmith.com/cru\\_con.htm](http://www.dibonsmith.com/cru_con.htm)

Fonte R (Vernal Equinox):

<http://scienceworld.wolfram.com/astronomy/VernalEquinox.html>

Fonte S (Easter): <http://en.wikipedia.org/wiki/Easter>

Fonte T (Christian Cross): [http://en.wikipedia.org/wiki/Christian\\_cross](http://en.wikipedia.org/wiki/Christian_cross)

Fonte U (Early Christian Art):

<http://www.huntfor.com/arthistory/medieval/earlychristian.htm>

Fonte V (Astrology): <http://www.astrology.com.com/precession.html>

Fonte W (More on Horus, Different data, Same web site???): <http://en.wikipedia.org/wiki/horus>  
 Fonte X(1) (Ussher Chronology): [http://en.wikipedia.org/wiki/Ussher\\_chronology](http://en.wikipedia.org/wiki/Ussher_chronology)  
 Fonte X(2) (Noah's Flood): <http://www.pbs.org/saf/1207/features/noah3.htm>  
 Fonte X(3) (First Named Author, Sin-leqi-unninni):  
<http://ancienthistory.about.com/od/poetsplaywrightswriters/f/firstauthor.htm>  
 Fonte Y(1) (Moses): <http://en.wikipedia.org/wiki/Moses>  
 Fonte Y(2) (Sargon of Akkad): [http://en.wikipedia.org/wiki/Sargon\\_of\\_Akkad](http://en.wikipedia.org/wiki/Sargon_of_Akkad)  
 Fonte Z(1) (Egyptian Religion):  
<http://www.nemo.nu/ibisportal/0egyptintro/1egypt/main.htm>  
 Fonte Z(2) (Crucifixion):  
<http://www.answering-islam.org/Responses/Saifullah/crucifixion2.htm>  
 Fonte Z(3) (Ark of the Covenant):  
[http://www.ordotempli.org/the\\_ark\\_of\\_the\\_covenant.htm](http://www.ordotempli.org/the_ark_of_the_covenant.htm)  
 Fonte Z(4) (Circumcision): [http://en.wikipedia.org/wiki/History\\_of\\_male\\_circumcision](http://en.wikipedia.org/wiki/History_of_male_circumcision)  
 Fonte Z(5) (True Origin of Easter): <http://www.thercg.org/books/ttooe.html>  
 Fonte AA(1) (Justin Martyr): <http://www.earlychristianwritings.com/justin.html>  
 Fonte AA(2) (Forgery in Christianity: Justin Martyr):  
[http://www.altreligion.about.com/library/texts/bl\\_forgerychristianity28.htm](http://www.altreligion.about.com/library/texts/bl_forgerychristianity28.htm)  
 Fonte AA(3) (Comparative Religion): <http://members.cox.net/deleyd/religion/cr.htm>  
 Fonte BB(1) (Historicity of Jesus): [http://en.wikipedia.org/wiki/Historicity\\_of\\_Jesus](http://en.wikipedia.org/wiki/Historicity_of_Jesus)  
 Fonte BB(2) (Historicity of Jesus):  
[http://www.infidels.org/library/modern/scott\\_oser/hojfaq.html](http://www.infidels.org/library/modern/scott_oser/hojfaq.html)  
 Fonte BB(3) (Pseudepigrapha, Apocrypha and Sacred Writings):  
<http://www.pseudepigrapha.com/com>  
 Fonte BB(4) (The Historicity of Jesus): <http://www.apologetics.org/articles/87>  
 Fonte BB(5) (Church Fathers): [http://en.wikipedia.org/wiki/Church\\_Fathers](http://en.wikipedia.org/wiki/Church_Fathers)

#### **Outras Fontes:**

1. Durant, Will & Ariel, The Lessons of History (Simon & Schuster, NY, 1968).
2. Bowersock, G. W., Fiction As History (University of California Press, Berkeley, CA, 1994).
3. Tudge, Colin, The Time Before History (Scribner, NY, 1996).
4. Van Doren, Charles, A History of Knowledge (Ballantine Books, NY, 1991).
5. Eliade, Mircea, A History of Religious Ideas, 4 vols. (The University of Chicago Press, Chicago, 1982).
6. Smith, Mark, S., The Early History of God (HarperSanFrancisco, A Division of HarperCollinsPublishers, San Francisco, CA, 1990).
7. James, Peter, Centuries of Darkness (Rutgers University Press, New Brunswick, NJ, 1993).
8. Roberts, J. M., History of the World (Oxford University Press, NY, 1993).
9. Armstrong, Karen, A History of God (Ballantine Books, NY, 1993).
10. Grun, Bernard, The Timetables of History; 3rd Revised Edition, Based upon Werner Stein's Kulturfahrplan (A Touchstone Book, Published by Simon & Schuster, NY, 1991).
11. Pritchard, James, B., Ed., Ancient Near Eastern Texts (Princeton University Press, Princeton, NJ, 1969), p. 34.
12. Budge, E. A., Wallis, The Egyptian Book of the Dead: The Papyrus of Ani (Tess Press, an imprint of Black Dog & Leventhal Publishers, Inc., British Museum, 1895).
13. Massey, Gerald, Ancient Egypt, The Light of the World (Nu Visions Publications, LLC, ISBN 1-59547-994-5, 2004).
14. Rohl, David M., Pharaohs and Kings (Crown Publishers, Inc., NY, 1995).
15. Hancock, Graham and Robert Bauval, The Message of the Sphinx (Crown Publishers, Inc., NY, 1996).

16. Eliade, Mircea, *Essential Sacred Writings from Around the World* (HarperSanFrancisco, A Division of HarperCollinsPublishers, NY, 1967).
17. Harpur, James, *The Atlas of Sacred Places* (A Henry Holt Reference Book, Henry Holt and Company, NY, 1994).
18. Redford, Donald, B., *Egypt, Canaan, and Israel in Ancient Times* (Princeton University Press, Princeton, NJ, 1992).
19. Smelik, Klass, A. D., *Writings from Ancient Israel* (Westminster/John Knox Press, Louisville, KY, 1991).
20. Jordan, Michael, *Encyclopedia of Gods* (Facts on File, NY, 1993).
21. Finegan, Jack, *Myth & Mystery, An introduction to the Pagan Religions of the Biblical World* (Baker Book House, Grand Rapids, MI, 1989).
22. Zacharias, Ravi, Dean C. Halverson, Ed., *World Religions* (Bethany House Publishers, Minneapolis, MN, 1996).
23. Pennick, Nigel, *The Pagan Book of Days* (Destiny Books, Rochester, VT, 1992).
24. Hawkes, Jacquetta, *The Atlas of Early Man* (St. Martin's Press, NY, 1976).
25. Cross, Frank Moore, *Canaanite Myth and Hebrew Epic* (Harvard University Press, Cambridge, MA, 1973).
26. Hancock, Graham, *Fingerprints of the Gods* (Crown Publishers Inc., NY, 1995).
27. Ferris, Timothy, Ed., *The World Treasury of Physics, Astronomy and Mathematics* (Back Bay Books, Little Brown and Company, Boston, 1991).
28. Barnes-Svarney, Patrick, *The New York Public Library Science Desk Reference* (A Stonesong Press Book, Macmillan, USA, 1995).
29. Schroeder, Gerald, L., *The Science of God* (The Free Press, NY, 1997).
30. Denton, Michael, *Evolution: A Theory In Crisis* (Adler & Adler, Bethesda, MD, 1985).
31. Johnson, Phillip, E., *Darwin on Trial* (InterVarsity Press, Downers Grove, IL, 1991).
32. Ross, Hugh, Ph.D., *The Creator and the Cosmos* (NavPress Publishing Group, Colorado Springs, CO, 1993).
33. Ross, Hugh, Ph.D., *Creation and Time* (NavPress Publishing Group, Colorado Springs, CO, 1994).
34. Leakey, Richard, *The Origin of Mankind* (Basic Books, A Division of HarperCollinsPublishers, NY, 1994).
35. Schroeder, Gerald, L., *Genesis and the Big Bang* (Bantam Books, NY, 1992).
36. Ross, Hugh, Ph.D., *Genesis One: A Scientific Perspective* (Hugh Ross, USA, 1979).
37. Godfrey, Laurie, R., *Scientists Confront Creationism* (W. W. Norton & Company, NY, 1983).
38. Ratzsch, Del, *The Battle of Beginnings* (InterVarsity Press, Downers Grove, IL, 1996).
39. Polkinghorne, John, *Quarks, Chaos & Christianity* (Crossroad, NY, 1997).
40. Ross, Hugh, Ph.D., *The Fingerprint of God* (Promise Publishing Co., Orange, CA, 1989).
41. Faid, Robert, W., *A Scientific Approach to Biblical Mysteries* (New Leaf Press, Green Forest, AZ, 1995).
42. Casti, John, *Paradigms Lost* (Avon Books, NY, 1989).
43. Pellegrino, Charles, *Return to Sodom and Gomorrah* (Random House, NY, 1994).
44. Hallam, A., *Great Geological Controversies* (Oxford Science Publications, Oxford University Press, Oxford, 1989).
45. Beardsley, Monroe, C., Ed., *The European Philosophers from Descartes to Nietzsche* (The Modern Library, NY, 1992).
46. Hamilton, Edith and Huntington Cairns, Eds., *Plato, The Collected Dialogues, including the Letters* (Princeton University Press, Princeton, NJ, 1961).
47. Comfort, Philip, Wesley, Ed., *The Origin of the Bible* (Tyndale House Publishers, Inc., Wheaton, IL, 1992).
48. Strong, James, S.T.D., LL.D., *The Exhaustive Concordance of the Bible* (World Bible

Publishers, Iowa City, IW, ISBN 0-529-06440-5).

49. Finegan, Jack, *Handbook of Biblical Chronology* (Hendrikson Publishers, Peabody, MA, 1998).
50. Keller, Werner, *The Bible as History* (William Morrow & Company, Inc., NY, 1980).
51. Mazar, Amihai, *Archaeology of the Land of the Bible, 10,000—586 B.C.E.* (Doubleday, NY, 1990).
52. Pfeiffer, Charles, F., Ed., *Wycliffe Dictionary of Biblical Archaeology* (Hendrikson Publishers, Peabody, MA, 2000).
53. Platt, Rutherford, H., Jr., Ed., *The Forgotten Books of the Bible* (Bell Publishing Company, NY, 1980).
54. *The Lost Books of the Bible, Translated from the Original Tongues* (Bell Publishing Company, NY, 1979).
55. Klagsbrun, Francine, *Jewish Days* (Farrar Straus Giroux, NY, 1985).
56. Bloom, Harold, *The Western Canon* (Harcourt Brace & Company, NY, 1994).
57. Baigent, Michael and Richard Leigh, *The Dead Sea Scrolls Deception* (Summit Books, NY, 1991).
58. House, H., Wayne, *Chronological and Background Charts of the New Testament* (Academie Books, Grand Rapids, MI, 1981).
59. Frend, William, H. C., *The Archaeology of Early Christianity, A History* (Fortress Press, Minneapolis, MN, 1996).
60. Vincent, Marvin, R., D.D., *Word studies in the New Testament, 4 Vols.* (Macdonald Publishing Company, Mclean, VA, ISBN 0-917006-30-5).
61. Leadership Ministries Worldwide, *Practical Word Studies in the New Testament* (Alpha-Omega Ministries Inc., Chattanooga, TN, 1980).
62. Berry, George Ricker, *The Interlinear Greek-English New Testament, with Lexicon and Synonyms* (Regency Reference Library, Zondervan Publishing House, Grand Rapids, MI, 1992).
63. Cairns, Earle E., *Christianity Through the Centuries* (Academie Books, Grand Rapids, MI, 1981).
64. Dowley, Tim, Ed., *The History of Christianity* (Fortress Press, Minneapolis, MN, 2002).
65. Ellerbe, Helen, *The Dark Side of Christian History* (Morningstar books, San Rafael, CA, 1995).
66. Sanders, E. P., *The Historical Figure of Jesus* (Allen Lane, The Penguin Press, London, 1993).
67. Kennedy, James, D. and Jerry Newcomb, *What If Jesus Had Never Been Born?* (Thomas Nelson Publishers, Nashville, 1994), pp. 224-238.
68. Acharya, S., *The Christ Conspiracy* (Adventures Unlimited Press, Kempton, IL, 1999).
69. Massey, Gerald, *The Historical Jesus and the Mythical Christ* (The Book Tree, Escondido, CA; First Published in London by William & Norgate, 1883).
70. Pelikan, Jaroslav, Ed., *Sacred Writings, Christianity: The Apocrypha and The New Testament* (Quality Paperback Book Club, NY, 1992).
71. Virkler, Henry, A., Ph.D., *A Christian's Guide to Critical Thinking* (Thomas Nelson Publishers, Nashville, 1993), pp. 175-234.
72. Daur, Francis, Watanabe, *Critical Thinking* (Barnes & Noble Books, NY, 1989).
73. Adler, Mortimer, J., *Ten Philosophical Mistakes* (Collier Books, Macmillan Publishing Company, NY, 1985).
74. Kung, Hans, *Does God Exist?* (Crossroad, NY, 1980).
75. Angeles, Peter, A., *Critiques of God* (Prometheus Books, Amherst, NY, 1997).
76. Grant, Robert, M., *Gods and the One God* (The Westminster Press, Philadelphia, 1986).
77. Christopher, R., *Misconceptions Concerning God* (Witness Box Ministries, Inc., Atlanta, GA, 1995).

78. Davies, Brian and G. R. Evans, Eds., Anselm of Canterbury (Oxford University Press, Oxford, 1998).
79. Ayer, Alfred, Jules, Language, Truth & Logic (Dover publications, Inc., NY, 1952).
80. Fisher, Alec, The Logic of Real Arguments (Cambridge University Press, Cambridge, 1996).
81. Adler, Mortimer, J., How to Think About God (Collier Books, Macmillan publishing Company, NY, 1980).
82. Boa, Kenneth D., Faith Has Its Reasons (NavPress, Colorado Springs, Co, 2001).
83. Blamires, Harry, The Christian Mind (Vine Books, Servant Publications, Ann Arbor, MI, 19630).
84. Nash, Ronald, H., Faith & Reason (Zondervan Publishing House, Grand Rapids, MI, 1988).
85. Breese, Dave, Seven Men Who Rule the World from the Grave (Moody Press, Chicago, 1990).
86. Sproul, R. C., Not A Chance (Baker Books, Grand Rapids, MI, 1994).
87. Grant, Robert, M., Greek Apologists of the Second Century (The Westminster Press, Philadelphia, 1988).
88. Kreeft, Peter and Ronald K. Tacelli, Handbook of Christian Apologetics (InterVarsity Press, Downers Grove, IL, 1994).
89. Geisler, Norman, L., Christian Apologetics (Baker Book House, Grand Rapids, MI, 1976).
90. Geisler, Norman, L., Baker Encyclopedia of Christian Apologetics (Baker Books, Grand Rapids, MI, 1999).
91. Geisler, Norman and Thomas Howe, When Critics Ask (Victor Books, A Division of Scripture Publications, Inc., USA, Canada, London, 1992).
92. Whiston, William, Trans., The Works of Josephus (Hendrikson Publishers, 1987).
93. Hadas-Lebel, Mireille, Flavius Josephus (Macmillan Publishing Company, NY, 1993).
94. McDowell, Josh, The New Evidence that Demands a Verdict (Thomas Nelson Publishers, Nashville, 1999).
95. Schaff, Philip, D.D., LL.D., Ante-Nicene Fathers (Hendrikson Publishers, Peabody, MA, 1995).
96. Webster's II New Riverside University Dictionary (The Riverside Publishing Company, USA, 1984).

**Tradução de Luis Macedo**

Copyright 2008: R. Christopher. All Rights Reserved.